

# Fórmula "Ovo De Colombo" Para Combater Latifúndio?



Jonas Baiense, secretário do governo do Estado do Rio

# ESTADO DO RIO: PLANO DE REFORMA AGRÁRIA

## O secretário Jonas Baiense expõe para NOVOS RUMOS o Plano Piloto de Ação Agrária do governo Roberto Silveira — Distribuição das terras devolutas — Medidas contra os grileiros — Desapropriação de terras com títulos de propriedade — Associações rurais se transformarão em cooperativas

"O Estado não tem competência legal para fazer uma reforma agrária em profundidade, principalmente na parte de aplicação da legislação trabalhista ao homem do campo. Apesar disso, porém, o governo popular nacionalista de Roberto Silveira pretende, dentro de suas possibilidades legais e financeiras, suprir as falhas decorrentes do desinteresse e da indecisão dos órgãos federais, indo em socorro dos camponeses fluminenses".

Com estes esclarecimentos iniciais, o dr. Jonas Baiense, ex-deputado federal pelo PTB e titular da Secretaria do Trabalho e Serviço Social do Estado do Rio, passou a falar-nos sobre o Plano Piloto de Ação Agrária. Trata-se do primeiro conjunto de medidas concretas de reforma agrária, cuja importância avulta por surgir num momento em que o problema da terra se apresenta no Brasil como uma espécie de no-go, que urge desatar, a fim de que a nação possa prosseguir em sua marcha para a industrialização e a emancipação econômica.

### O QUE É O PLANO

É o executor do Plano passa a explicar em que consistem as medidas que o governo fluminense planejou e que começa a aplicar:

Inicialmente, através da Secretaria do Trabalho e Serviço Social, procede-se ao levantamento das terras devolutas do Estado e de outras que se acham presentemente ocupadas por camponeses em litígio com grileiros, e mesmo com proprietários.

Conhecidas e delimitadas essas áreas, o governo irá declará-las de utilidade pública, para efeito de desapropriação se as terras tiverem legítimos donos.

Vencida essa etapa, serão demarcados os quinhões de cada lavrador e a todos será entregue um título de propriedade sob a condição de integrarem cooperativas agrícolas.

As cooperativas que se formarem por esse processo terão assistência técnica da Secretaria da Agricultura e financiamento bancário, além de assistência médica e educacional, proporcionadas, respectivamente, pelas Secretarias da Saúde e da Educação.

A Secretaria do Trabalho competirá selecionar os trabalhadores rurais, organizar sua forma de trabalho, dar-lhes assistência social e coordenar o escoamento da produção.

### SIMPLES COMO O OVO DE COLOMBO

Quais os critérios a serem adotados para a desapropriação das terras?



## Mensagem de Prestes a Juraci

Por motivo da posse do sr. Juraci Magalhães no governo da Bahia, solicito que leve lugar na última terça-feira, o líder comunista Luiz Carlos Prestes entoa-lhe o seguinte telegrama:

"Governador Juraci Magalhães — Palácio do Governo — Salvador — Bahia.

Em nome dos comunistas brasileiros envio a Vossa Excelência e por seu intermédio ao povo da Bahia, nossas cordiais saudações. Lutando pela emancipação econômica e o progresso do Brasil, pela ampliação e consolidação da democracia e o bem-estar do povo, os comunistas subscritos pela ação e crítica construtiva desenvolvem esforços, juntamente com os demais patriotas e democratas que surgiram a seu nome nas urnas, para que o governo de Vossa Excelência possa atender aos anseios do povo baiano. Atenciosamente, Luiz Carlos Prestes".

"Temos que encerrar três aspectos — explica o entrevistado: o das terras devolutas, que dependem de desapropriação; tratando-se de terras griladas, os grileiros terão que sustentar seus direitos em juízo. E, finalmente, no caso de terras com títulos de propriedade legítimos, a indenização será aquela que for arbitrada na Justiça.

Paralelamente a esta ação de caráter coercitivo, o Estado pretende estimular os grandes proprietários rurais a dividirem suas terras em glebas cultiváveis, que seriam adquiridas pelos lavradores, valendo-se estes do financiamento que o Estado lhes passa dar."

Outro aspecto importante é o da dimensão das novas unidades agrícolas que nascerão desse Plano Piloto.

Esclarece o Secretário do Trabalho: de início, terão que ser respeitadas as áreas já possuídas, isto é, as que se encontram em mãos dos possesores. Nos casos da repartição das terras devolutas e daquelas sujeitas a desapropriação, cada quinhão será aquele que possa ser normalmente cultivado por uma família — 2 ou 3 alqueires.

Indagamos sobre as perspectivas de financiamento, e a seguinte explicação nos é dada:

"A forma ou as formas de financiamento estão sendo estudadas. Em primeiro lugar, o governo terá que reaparelhar o Banco do Estado, o que está sendo feito. Poderá igualmente o governo examinar possibilidades de garantias aos bancos particulares que queiram fazer operações den-

tro desse Plano de Ação Agrária.

### COLOCAÇÃO DA PRODUÇÃO

Apresentamos outro aspecto do problema: o preço e a colocação da produção. Respondendo à nossa pergunta, diz o dr. Jonas Baiense:

"Deverá ser criado na Secretaria do Trabalho um órgão encarregado do escoamento da produção. Esse órgão supervisionará o transporte dos produtos agrícolas, os quais serão encaminhados a grandes mercados, que funcionarão como Bolsa de Produtos Agrícolas. Em caráter experimental, o atual Mercado de Niterói será transformado em Bolsa de Frutas e Legumes, devendo ser os atuais barraqueiros localizados numa outra área próxima.

Informou que a Secretaria da qual é titular já autorizou a delimitação das áreas em litígio nas localidades de Pedra Lisa, Ramal do Xerem e Imbariê.

### APOIO E ESTÍMULO

Não tem havido reação direta à aplicação desse Plano, diz o Secretário do Trabalho. E acrescenta:

"De modo geral, sabemos

que os nossos fazendeiros estão propensos e têm interesse em colaborar com o governo. Certos grileiros que operam em áreas próximas ao Distrito Federal, esses, sim, estão redobrando sua ação, indo mesmo à prática de violências contra os camponeses, cujas casas e lavouras têm sido destruídas e queimadas."

### MILÍCIAS AGRÁRIAS

"Para coibir esses abusos — continua — o governador Roberto Silveira já determinou a criação de Subdelegacias Agrárias, cujos membros serão os próprios camponeses, os quais passarão, assim, a dispor de poder de polícia para a defesa de seus direitos.

O que temos sentido é o grande entusiasmo de que se acham possuídos os camponeses fluminenses, cujo apoio e estímulo se manifestam de todas as regiões do Estado. Infelizmente, o descalabro financeiro em que se encontra o Estado não permitirá ao governador Roberto Silveira a aplicação intensiva do Plano de Ação Agrária neste exercício. Contudo, graças as medidas moralizadoras e de contenção das despesas por ele determinadas, já no próximo estarão criadas as condições financeiras de equilíbrio orçamentário, e os camponeses fluminenses começarão a ser beneficiados em larga escala.

pelos atuais governos popular nacionalista.

### SEMENTEIRAS DAS LUTAS COOPERATIVAS

"Até lá temos recomendado aos lavradores que se organizem em associações rurais associadas estas que poderão

ser as futuras cooperativas em que se baseia o Plano.

A essa altura, o dr. Jonas Baiense anuncia uma medida em fase ainda de estudo e que virá completar o Plano e atender, ainda que parcialmente, a uma das reivindicações mais sentidas dos trabalhadores rurais: Organizados os camponeses na forma prevista no Plano que expus, só então, atacando a extensão do 7.º Artigo trabalhista aos 5.º anos. Pretendo propor ao governador que os lavradores fluminenses possam se inscrever como contribuintes facultativos do Instituto de Previdência Social do Estado, passando a gozar, assim, das vantagens e benefícios que não lhes são assegurados com a legislação federal."

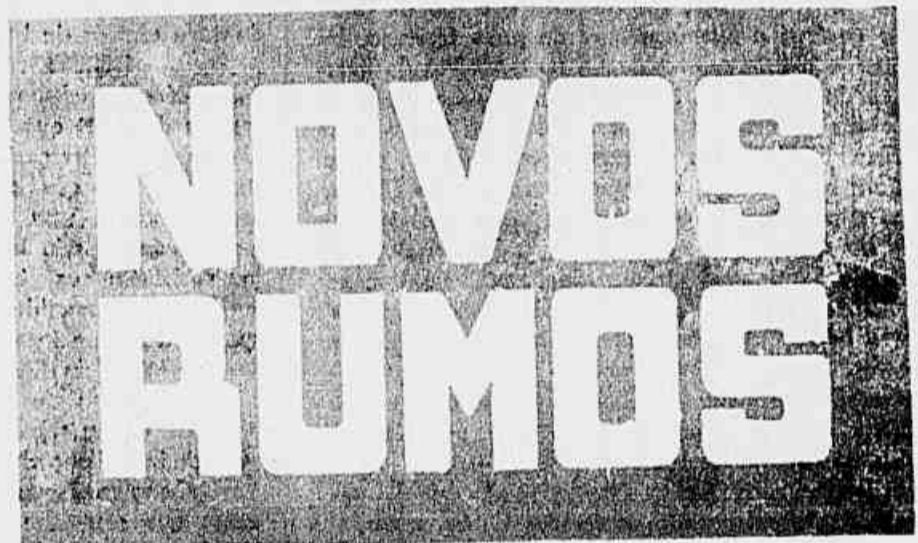
### NAO É EXPLOSIVO

Concluindo suas declarações, o Secretário do Trabalho

do Estado do Rio faz questão de afirmar que, ao contrário do que muitos pensam, o problema da terra, ou melhor, o mal do latifúndio, pode ser enfrentado e atacado desde já, sem que isso importe em sacrifícios extremos ou em ações drásticas de reforma agrária total.

Como se verifica — declara — estas medidas, enfiadas no Plano Piloto, vêm demonstrar que a reforma agrária se poderá fazer sem revoluções e até mesmo sem um diploma legal específico. Em todos os Estados da União é possível dar imediatamente terras aos camponeses que se queiram cultivar para viver do fruto do seu trabalho e contribuir para a barateação da vida através de uma produção agrícola farta, variada e acessível a bolsa do povo e dos trabalhadores."

ANO I — RIO, SEMANA DE 10 A 16 DE ABRIL DE 1959 — N.º 7



REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, N.º 257 — SALAS 1711/1712

# Guerra Aos Preços Altos De Ponta a Ponta Do País

## Reuniram-se em São Paulo, para tratar da coordenação nacional da campanha contra a carestia, representantes de vários Estados e de poderosas organizações — Demissões para Mindello, Roberto Campos e Lucas Lopes

quisiram a intervenção do governo Frondizi em dois importantes sindicatos operários do país irmão.

### REPRESENTANTES

Dentre os representantes de entidades e personalidades presentes, conseguimos anotar os seguintes nomes: deputado Lício Hauer, pela Confederação Nacional dos Servidores Públicos; deputado Almir Azeiteiro, representante do Amazonas na Câmara Federal; deputado José Rocha Filho, de São Paulo, líder gráfico; vereador João Louzada, do Sindicato da Construção Civil de São Paulo; vereadora Mathilde de Carvalho, professora; vereador Miguel Batista, da Câmara Municipal de Recife e presidente do Sindicato dos Metalúrgicos; Edgard Leite Ferreira, secretário da Confederação Nacional dos Servidores Públicos; Clodsmith Riani, pelos metalúrgicos de Minas Gerais; Irijo Lima, da Confederação Nacional dos Bancários e do Sindicato dos Bancários do Distrito Federal; Eufrazino Galvão, da Federação Nacional dos Estivadores; estudant Rogé Ferreira, da União Brasileira de Estudantes Secundários; Manoel Marum Filho, da União Paulista dos Estudantes Secundários; Cecília Montag, representante do Departamento de Relações Sindicais do Grêmio da Faculdade de Filosofia de S. Paulo. Também se achavam presentes à reunião, especialmente convidados, o representante da Central Única dos Trabalhadores do Chile Manuel Recabarren, o líder gráfico chileno Edmundo Lillo e o repre-

sentante dos metalúrgicos uruguaios, Rosário Petroira.

Em relação à luta contra a carestia da vida, foram tomadas as seguintes resoluções.

a) — Reafirmar os programas elaborados e aprovados, que estão sendo desenvolvidos em todo o país;

b) — Manter nos programas estaduais as reivindicações especiais para serem conquistadas dentro do mesmo Estado;

c) — Embora mantendo cada unidade da Federação seu programa, seus métodos e organização de luta, incentivar a mais ampla iniciativa, estabelecer uma forma de assegurar o apoio e a solidariedade a cada um desses movimentos por outros que se desenvolvem em diferentes pontos do país;

d) — Recomendar que os organismos sindicais nacionais (de todas as espécies) unam sua ação para coordenar a luta em âmbito nacional, respeitando as deliberações das municipalidades dos Estados, das cidades, dos sindicatos e das fábricas;

e) — Recomendar a criação de comissões estaduais de coordenação da luta contra a carestia da vida, composta de elementos de todos os órgãos representativos dos trabalhadores e do povo;

f) — Reclamar a participação ativa e direta dos trabalhadores e do povo nos órgãos criados e existentes que atuam na coordenação da luta pela contenção do custo de vida e dos meios para abastecimento e reguladores de preços, através de seus órgãos representativos, sendo seus delegados escolhidos coletivamente para esse fim;

g) — Recomendar a realização de reuniões para o estudo e exame da situação econômica e da crise, seus reflexos na vida do povo e as medidas a adotar para combatê-la, em todos os Estados da União.



Dirigentes sindicais paulistas, com a presença de delegados fraternais de trabalhadores de outros Estados, reuniram-se no último dia 6, em São Paulo. Na foto, em cima, um aspecto da mesa, presidida pelo deputado Salvador Losacco

## ATÉ ROBERTO CAMPOS

Após regressar de uma viagem à Polónia, onde concluiu um vantajoso acordo bancário para a importação de equipamentos, o sr. Roberto Campos, presidente do BNDE, declarou à imprensa: «Por mais que nos esforcemos para expandir nossas exportações para os Estados Unidos e Europa Ocidental, é improvável que consigamos ampliá-las, num futuro útil, em proporção suficiente para liquidarmos dívidas passadas e atendermos à nossa voraz necessidade de bens de equipamento e matéria-primas. Dando a necessidade de procurarmos novas fontes de suprimento de bens de equipamento, abrida, ao mesmo tempo, novas frentes de exportação». Tirando a conclusão lógica dessa premissa, o sr. Roberto Campos admite a necessidade de intensificarmos nossas relações comerciais com os países socialistas.

O importante não é apenas que tal afirmação tenha partido de quem partiu: de um corifeu do grupo que se esforça por basear todo o desenvolvimento econômico do Brasil nas inversões do capital monopolista estrangeiro, de um fã incondicional do imperialismo norte-americano. Mais sério é o fato de que as declarações do sr. Roberto Campos importam numa condenação frontal da atual política de comércio exterior do Brasil, desde que proclamam a falência dessa política.

Se é improvável que consigamos ampliar nossas exportações para os Estados Unidos e a Europa Ocidental nas proporções exigidas pelo desenvolvimento econômico do país, constitui um erro — agora finalmente admitido pelo sr. Roberto Campos — a substituição de nosso comércio exterior ao mercado capitalista e a ausência de relações comerciais normais com o campo socialista.

Nestas circunstâncias, não resta ao governo do sr. Kubitschek outra saída senão estabelecer relações com a União Soviética e a República Popular da China, a fim de normalizar e intensificar nosso intercâmbio com os grandes mercados do leste. Esta questão já constitui atualmente um ponto programático de lutar as forças patrióticas. O próprio Presidente da República admitiu recentemente, em palestra com uma delegação de trabalhadores, que o governo reconhecia a necessidade dessa medida e estava encaminhando as providências para concretizá-la.

A não ser um ou outro setor minoritário, movido por preconceitos ideológicos indefensáveis, ninguém hoje se opõe no Brasil às relações com os países socialistas. Nem mesmo o sr. Roberto Campos, o homem do «financiamento aleatório» dos trustes no caso do petróleo boliviano.

Estará o presidente Kubitschek disposto, afinal, a agir de acordo com os superiores interesses nacionais, ou permitirá que continue prevalecendo na conduta do governo o fanatismo anticomunista de uma minoria retrógrada, superada pela história?

O povo precisa exigir, agora com maior razão ainda, que o governo se defina.

# "O Deus Vivo" Foi Levado Para a Índia

## REBELIÃO DE SENHORES DE ESCRAVOS NO TIBET

Completamente derrotada em poucas horas — A cidade indiana de Kalimpong era o centro de conspiração no estrangeiro — Novo chefe do governo: o Panchen Lama Erdeni

Com a vitória da Revolução, há cerca de 10 anos, a China se aproximou séculos, do Ocidente, desvaneceu-se a bruma de mistério e exotismo com que propositadamente a envolviam. Mas o Tibet, região autónoma, permaneceu um país ignoto e distante.

É que, na verdade, a grande revolução que está transformando a fisionomia da velha China não atingiu ainda o Tibet. Neste permaneceu a tradicional teocracia, com toda a sua hierarquia feudal, as instituições servis, sem grande indústria, a casta parasitária dos Lamas, que vivem, aos milhares, à custa de miseráveis servos da terra e pastores.

### EXPLODE A REBELIÃO

A 19 de março, na capital do Tibet, Lassa, (20 mil habitantes), explodiu uma revolta armada. Grupos de bandoleiros atacaram a guarnição local do Exército Popular de Libertação.

Se essa foi a mais audaz sursida dos rebeldes, a luta iniciou-se realmente a 10 de março. Nela estavam envolvidos o governo local e camadas superiores da população de Lassa.

O Dalai Lama, que ocupava o cargo de chefe do governo e líder espiritual do povo tibetano, foi atraído a uma representação no auditório do Exército de Libertação. Naquela dia, os rebeldes espalharam rumores de que o Dalai Lama havia sido preso. E difundiram «slogans» reacionários como: «Fora os chineses», «Independência para o Tibet!». Ao mesmo tempo, assassinavam um oficial tibetano do Comité Preparatório para a Região Autónoma do Tibet — Kanchung Soanamchiatso que se opunha à rebelião, e feriam o vice-comandante da Área Militar do Tibet, Sampo Tsewang-Rentzen, e outros. A tropa rebelde ocupou então o quartel-general do Exército de Libertação Popular da Área Militar do Tibet, como as sedes das agências do governo central em Lassa.

Tudo indica que as atividades dos bandos rebeldes estavam sendo concertadas de há muito.

### UM GOVERNO REACIONÁRIO

O governo central da República Popular da China procurou sempre resolver amistosamente todo motivo de conflito com as autoridades tibetanas tradicionais. Absteve-se de fazer imposições, embora reconhecendo que o ordem de coisas dominante não se harmonizava com os interesses do povo. No governo local (em tibetano denominado «Kasha») permaneciam antigos «kaloons» (espécie de ministros), em número de seis. Destes seis, dois eram patriotas, e foram presos pelos rebeldes ainda a 10 de março. Dos outros 4, um deles, Yulo Chahsidongchu, tornou-se traidor em 1957 e fugiu para Kalimpong, na Índia, cidade que se transformou com o tempo em centro das atividades rebeldes contra o Tibet. Os três outros «kaloons» tornaram-se cúmplices dos chefes da atual rebelião.

Essas autoridades utilizaram sua influência para congregar as forças reacionárias das camadas superiores do povo (os ricos, os senhores de escravos, os donos de latifúndios e pastagens, etc.) para organizar a rebelião armada. Contavam para isso, comprovadamente, com ajuda exterior, sobretudo através da Índia.

### INTERESSADOS NA REBELIÃO

Além dos elementos das antigas classes dominantes do Tibet que tinham pavor a qualquer mudança de caráter socialista na Região, havia os interessados em que o Tibet permanecesse, na pior das hipóteses, uma «Terra de ninguém» — uma espécie de «Estado tampão» entre a Índia e a China socialista: os imperialistas. Simultaneamente, agentes da camarilha de Chiang-Kai-chek exilada na ilha Formosa tramavam desordens contra o governo central da República Popular da China.

O governo de Pequim conseguiu provas efetivas de que a rebelião exteriormente foi tramada na cidade indiana de Kalimpong. Seu líder era Silun Lokongwa Tsewangrouen. Muitas das armas com que contavam os rebeldes vinham do exterior. Partes dos municionamentos eram recebidas por via aérea, através da camarilha de Chiang-Kai-chek. Aliás, esse clique de apaniguados dos imperialistas americanos não ocultou absolutamente suas ligações com os rebeldes do Tibet. De Formosa emitiram comunicados «oficiais» de apoio aos sublevados.

As atividades de sabotagem no Tibet vinham de longe. Já no ano passado, entre maio e junho, com a cumplicidade do governo local, os rebeldes realizaram atividades de sabotagem e assassinatos, destruíram vias de comunicações, atacaram sedes das unidades do Exército de Libertação. Advertido por Pequim de que os criminosos deveriam ser punidos, as autoridades tibetanas demonstraram a maior mananinidade para com eles.

### O QUE PENSAVAM OS SUBLEVADOS

Um documento dado a público em Pequim diz que entre os membros do governo local e os elementos reacionários que tramavam a sublevação viçavam-se os seguintes conceitos proclamados abertamente: O povo «khans» (os chineses) pode ser expulso; nos últimos 9 anos os «khans» não tiveram coragem de levantar um dedo contra o nosso magnífico e sagrado sistema de servidão; se nós os atacarmos eles apenas poderão defender-se, mas não rechaçar-nos; se nós formos grandes contingentes de rebeldes desde Lassa até outros lugares para combatê-los eles serão expulsos; se não, raptaremos o Dalai Buddha para Loka e concentraremos forças para um contra-ataque e para recapturar Lassa; caso venhemos a falhar, nos refugiaremos na Índia; a Índia simpatiza conosco e pode ajudar-nos; o poderio dos Estados Unidos também poderá vir em nossa ajuda; o presidente Chiang Kai-chek, em Taiwan, também está pronto a dar-nos ajuda ativa; o Dalai é Deus, quem ousa desobedecê-lo? Os americanos dizem que o movimento das Comunas Populares na China causou descontentamento entre o povo, que está pronto para a rebelião. Está na hora de expulsar os «khans» e proclamar a independência.

### A POSIÇÃO DO DALAI LAMA

Depois do irrompimento da rebelião, a 10 de março, em Lassa, o Dalai Lama escreveu ao representante do governo central popular no Tibet dizendo ter sido seqüestrado pelos reacionários e estar fazendo o possível para demover a camarilha reacionária de suas ações ilegais.

### O CONTRA-ATAQUE

As 10 da manhã do dia 20 de março, as tropas do comando da Área Militar do Tibet do Exército de Libertação Popular receberam ordem para empreender ações repressivas contra os traidores responsáveis pelo crime da sublevação.

Contando com ajuda de monges e leigos, o Exército de Libertação Popular completou o esmagamento da rebelião na cidade de Lassa, depois de dois dias de luta. A 23 de março, mais de 4.000 rebeldes haviam sido capturados. Em seu poder se achavam 8 mil armas de pequena porte e de diferentes tipos, 81 peças de artilharia leves e pesadas, 27 morteiros, 6 canhões de montanha e 10 milhões de balas. Outros grupos de rebeldes, cercados pelas tropas legais, renderam-se.

A rápida liquidação do movimento rebelde mostra que ele estava isolado do povo, não contava com o seu apoio, mas, ao contrário, o povo tibetano aspira a libertar-se dos antigos escravistas, dos milhares de Lamas que vivem como parasitas



dos camponeses e dos pastores, explorando sua qualidade de «chefes espirituais». Esses elementos tinham horror não só às mudanças que inevitavelmente virão para o Tibet no sentido do socialismo, como se alarmavam ante a simples possibilidade do deverem trabalhar, ser elementos ativos de uma nova sociedade.

A imensa maioria dos habitantes do Tibet — 1 milhão e 200 mil pessoas num território de pouco mais de 1 milhão de quilômetros quadrados — são camponeses e pastores que vivem na mais extrema pobreza, e sua esperança é libertar-se da mais negra servidão existente no mundo. No Tibet há um grande número de pessoas progressistas entre as camadas inferiores e médias da população.

De 1.200.000 habitantes do Tibet, apenas uns 20 mil participaram da sublevação, muitos arrastados por intimidações dos elementos reacionários.

### INSTRUÇÕES AO EXERCÍTO

O governo da República Popular da China adotou como tarefa imediata em relação ao Tibet liquidar com todos os focos de rebelião e restabelecer a ordem pacífica.

O governo chinês está decidido a punir rigorosamente os principais responsáveis pela rebelião, perdendo porém os que dela participaram mediante intimidação e recompensar os que prestaram serviços meritórios.

As unidades do Exército de Libertação Popular receberam instrução para proteger a vida e a propriedade dos camponeses, dos pastores, dos industriais, comerciantes, bem como dos políticos e elementos das círculos religiosos; respeitar os hábitos e tradições dos tibetanos, assim como suas crenças religiosas; proteger os mosteiros dos Lamas e as instituições culturais e reliquias e salvaguardar os interesses das massas populares e a ordem social.

### NOVO CHEFE DO GOVERNO LOCAL

Uma vez que o Dalai Lama foi raptado pelos rebeldes, o governo central da República Popular da China designou o Panchen Lama Erdeni, que já ocupava o cargo de Vice-presidente do Comité Preparatório da Região Autónoma do Tibet, para o cargo de Presidente interino do mesmo Comité durante a ausência do Dalai Lama. O Conselho de Estado da República Popular da China também designou como Vice-presidente a Buda Viva Pebala Choliehnamje, e Ngapo Ngawang Jigma, para membro do Comité Permanente da nacionalidade tibetana. Ngapo é atualmente secretário geral.

Por ato de 28 de março, o Primeiro Ministro chinês Chu En-lai dissolveu o governo local do Tibet, instigador e organizador da sublevação, dando amplos poderes ao Comité Preparatório para a Região Autónoma do Tibet.

O Tibet era, antes da libertação, uma das regiões mais atrasadas do mundo. O governo da China Popular começou a modificar completamente a fisionomia do velho e tradicional Tibet, com o que não concordaram, naturalmente, os senhores de escravos. Na foto, um grupo de tibetanos chamam adunados para o primeiro avião a descer em seu território, no moderno aeroporto construído em sua Capital.

## CRÔNICA INTERNACIONAL



### A RAIZ DAS PROVOCACÕES

É estranho que num momento em que se processa uma certa distensão na situação internacional, em que se criam possibilidades reais para uma conferência de chefes de Estado das grandes potências em busca de solução para os problemas internacionais candentes, precisamente neste momento se agucem as relações entre países da América Latina e a União Soviética.

A 1.º de abril se anunciou oficialmente no México a expulsão de dois diplomatas soviéticos, acusados de terem participado de um movimento grevista dos ferroviários mexicanos. Uma semana depois o fato se repete na Argentina. Frontizí decreta a expulsão do país do Conselheiro da Embaixada soviética em Buenos Aires e mais 4 funcionários da representação da URSS. Pretende terem intervenido nos recentes acontecimentos da Capital portenha em que milhares e milhares de pessoas protestaram contra a carestia da vida e, em particular, o aumento das tarifas de transporte.

Simultaneamente, a UPI (que havia «previsto» com grande antecedência a expulsão dos diplomatas soviéticos da Argentina) alardeia a possibilidade de acontecer o mesmo no Uruguai. A mesma agência a serviço dos monopólios internacionais e dos trustes dos Estados Unidos, do Montevideu, como «centro de agitação extremista e perturbação de uma vasta região da América Latina».

Tantas «coincidências» juntas não são possíveis. De um extremo a outro do Continente, está à a verdade, assistimos à execução de um plano devidamente articulado pelo Departamento de Estado norte-americano. Essas balizas da «interferência» soviética em assuntos internos de outros países (quando a URSS se esforça por todos os meios para estabelecer relações amistosas com todos os países) estão por demais desmoralizadas.

A raiz da questão reside no empenho da diplomacia norte-americana em criar obstáculos ao alívio da tensão internacional, impedir o amainamento da guerra fria. E com este objetivo o Departamento de Estado que «estrategicamente» na «retaguarda» imediata dos EE.UU. Impõe os únicos países da América Latina que têm relações com a URSS a romperem essas relações.

Outro motivo é que os imperialistas, tanques temem o restabelecimento de relações diplomáticas e comerciais entre os demais países latino-americanos e a União Soviética. Esta possibilidade existe agora pelo menos em dois países: Cuba e Brasil. Fidel Castro acaba de reafirmar a decisão de seu governo de reconhecer a URSS. E o próprio sr. Roberto Campos é forçado a constatar que o Brasil não pode deixar de comerciar com os países socialistas.

Ai está o busilho da questão, dessas provocações mesquinhas contra a URSS visivelmente articuladas em Washington e que a dependência dos países latino-americanos ainda não permite repeli-á altura como devem fazer Estados soberanos.

### NOVOS RUMOS

Director — Mario Alves  
 Redactor-chefe — Orlando Bomfim Jr.  
 Secretario — Fragmoa Carlos Borges

### REDACTORES

Almir Mattos, Rui Paço, Paulo Mota Lima, Maria da Graça Luis-Ghalarina,

### MATRIZ

Redacção: Av. Rio Branco, 257, 17.º andar, S. 1712 — Tel: 42-7344  
 Circulação: Av. Rio Branco, 257, 9.º andar, S. 905  
 Telefone telegráfico: — Novos Rumos

### ASSINATURAS

Anual — Cr\$ 250,00  
 Semestral — " 120,00  
 Trimestral — " 70,00  
 Avon ou sub-registo de 6 meses à parte  
 3 números — Cr\$ 5,00  
 Mensal — " 8,00.

# EM QUE FICARA A ALIANÇA PSD-PTB?

Os entendimentos que se processam entre as chamadas "forças de novembro" acerca das emendas constitucionais propostas pelo PTB, através de seu presidente João Goulart, continuam a atrair as atenções dos círculos políticos. Tanto no Parlamento como no seio dos partidos, este é o fato mais importante. E é perfeitamente natural que isto aconteça, uma vez que a situação criada pela nova posição do Partido Trabalhista, dependendo da forma como se desenvolva, pode determinar mudanças mais ou menos profundas no panorama político, chegando mesmo a alterar a atual correlação de forças.

**OS OBJETIVOS DO PTB**  
Partido que encontra a sua força no apoio que lhe dão

consideráveis setores das massas trabalhadoras e populares viu-se o PTB, particularmente ao se aproximar a sucessão presidencial, na contingência de assumir uma posição de independência em relação ao governo e, inclusive, de condicionar a manutenção de sua aliança com o PSD, como partido majoritário, à aceitação de um programa de "reformas de base" contendo uma série de medidas de caráter nacionalista e popular há muito reclamadas pelas forças patrióticas. Perceberam os dirigentes petebistas que só podem resultar num crescente desgaste de prestígio popular

## O Partido Trabalhista toma posição contra a política econômica do governo — Tendência dominante no PSD: cozinhar em água morna as reformas propostas por Jango — Cabe a palavra, agora, a JK

para o partido os compromissos com uma orientação governamental em que vêm predominando as tendências entreguistas e que é responsável pela acirrada carestia de vida. Esse desgaste vinha se tornando evidente, sobretudo nos últimos meses, por meio de críticas, algumas em tom bastante enérgico, feitas por trabalhadores contra a liderança do PTB. As vantagens até agora decorrentes da participação no governo (controle dos Institutos de Previdência, etc.) estão, a esta altura, longe de compensar os prejuízos políticos que ela acarreta. Pretende assim o PTB, sem romper formalmente a aliança com o PSD, desvincular-se de compromissos tão onerosos, e insistir junto a JK no sentido da adoção de uma política que represente, em seus aspectos principais, um rompimento com as diretrizes impostas pelo grupo entreguista Lucas Lopes-Roberto Campos-Garrido Torres no terreno econômico-financeiro. Só dessa maneira poderá o PTB fazer face à sucessão presidencial como uma força que conta efetivamente com o apoio de massas.

ção do Partido Trabalhista está na firme determinação de levar adiante a linha de independência, inaugurada desde a entrevista coletiva do sr. João Goulart. Esta e, ao menos, a impressão deixada pelas recentes reuniões da bancada petebista, a última delas com a presença de Jango. Nesses encontros foram aprovadas várias providências, entre as quais a relativa ao veto. Outra resolução foi a de se constituir uma comissão

de parlamentares para a elaboração definitiva dos chamados "planos de reforma de base".  
A Comissão Executiva do PTB convocou para 1.º de maio a convenção nacional do partido.  
**O DESTINO DA ALIANÇA**  
A medida em que se multiplicam esses pontos de divergência, crescem as especulações acerca do destino que aguarda a aliança PSD-PTB.

principal base política do atual governo. Não é fácil fazer previsões que se possa, de antemão, considerar válidas. São muitos os fatores a levar em conta, todos atuando em circunstâncias que se caracterizam pela instabilidade. Há, por exemplo, os que admitem que venha a se romper essa aliança — e este é o desejo confessado da oposição udenista. Assim como há os que aceitam a possibilidade de se manterem aliados o PTB e o PSD, uma vez que o sr. Kubitschek dê meia-volta na orientação que vem seguindo e, libertando-se do grupo entreguista liderado por Lucas Lopes, passe a realizar uma política voltada para os interesses nacionais e do povo.

Este seria, de resto, o 6.º lev caminho possível ao sr. Kubitschek, se é que pensa o fe do governo em reconstruir, nos dois anos que lhe faltam, o apoio popular que lhe assegurou a vitória em 1955. Esta é a alternativa por que se batem os melhores elementos do PSD, desejosos, segundo anunciam, em "dinamizar" o partido majoritário subtraído-o à influência do minante dos velhos braço pedesistas e levando-o a um maior aproximação com o povo. Essa ala do PSD — que figuram os deputados desse partido que aderem à Frente Parlamentar Nacionalista, defende inclusive a adoção de um Congresso de renovação, que deveria assumir características de massa e reuniria, com a participação popular, um local como Maracanãzinho. Contudo, o que parece, a tendência ainda predomina no PSD é de não rechaçar de plano as "reformas de base", mas também não apoiar-las de maneira concreta. Expressão dessa atitude foi o discurso, segunda-feira última, do deputado Vasconcelos Torres, em nome do líder pedesista: embora sem repeller formalmente as sugestões apresentadas pelo PTB, o que fez a representante fluminense foi uma veemente exaltação do latifúndio e do capital estrangeiro.  
Enfim, a palavra cabe agora principalmente ao sr. Cyrillo Kubitschek, como Presidente da República e como chefe natural do partido majoritário. Os atos concretos que vier a tomar indicam qual dos caminhos ele pretende seguir.



O sr. Raul Pilla atravessou o plenário da Câmara com a atenção desviada dos acontecimentos, indiferente aos debates do pinga-fogo. Foi direto ao Café do Edésio, que fica nas proximidades da Mesa e que é privativo do Presidente, dos Secretários e Suplentes, dos demais 320 componentes da casa, dos jornalistas, dos funcionários graduados e das pessoas gradas.

Diariamente o sr. Pilla se avista, no Café do Edésio, com o correspondente de um jornal de Porto Alegre, muito seu amigo. O jornalista faz uma confidência em altos brados, junto ao ouvido do sr. Pilla. Menciona as notícias principais, salda nos matutinos: Lott chegou aos Estados Unidos, Brizola está fazendo barulho por causa do arroz, Amaral Peixoto embarcou, Cirilo aconselha a nomeação de um interventor para o Rio, antes da organização do Estado da Guanabara. Chatô foi proibido de escrever sobre o caso Delgado.

O sr. Pilla sorve os primeiros goles de café, sem comprometer a altura dos bigodes, interrompe a delicada operação e comenta:  
— Não diga! Já tenho assunto para o Microscópio!

Mas eis que aparece na tribuna um dos novos deputados, que se afirma ser uma das figuras mais lucidas do PSD. Trata-se do sr. Vasconcelos Torres cuja candidatura no Ingá está sendo preparada com quatro anos de antecedência, por causa das dívidas.

Vasconcelos, em sua estréia, foi incumbido de dar resposta ao audacioso discurso em que o sr. San Tiago Dantas havia pergurado a necessidade de se processar a reforma agrária. Tarefa difícil. A cartilha amaralista do PSD não topa a reforma agrária, para não descontentar os coronéis do interior. Mas também não deseja investir contra uma iniciativa que está no rigor da moda, pois assim descontentaria outros setores partidários não comprometidos com o latifúndio.

O sr. Vasconcelos fez o que pôde para descalçar a bota. Alguma coisa precisa mudar, dizia o orador. Mas há problemas que necessitam antes de amadurecimento. As reformas braseas, os rompimentos com situações antigas, às vezes são catastróficas. Sim, o latifúndio é um mal. No entanto, em 1959, o que resta dos latifúndios de antes de 1930?

Impaciente, o sr. Seixas Dória reclama uma definição do orador, mas o sr. Vasconcelos não se pertinha e responde que as definições são perigosas. Minutos depois, complicando ainda mais o caso, elocutava os projetos de reforma agrária dos sr. Nestor Duarte e Coutinho Cavalcanti.

A medida que a discussão avançava, a situação tornava-se mais confusa. A confusão chegou ao auge quando o sr. San Tiago Dantas foi ao microfone dos apurados para se congratular com o PSD pela receptividade que sua direção demonstrava, através das palavras claras do orador e pelo evidente desejo, dessa mesma direção, de enfrentar, sem temores, a solução de questões da maior importância. E o sr. Vasconcelos Torres, num desfecho de opereta: e a luta, pois, senhores, nas dentro dos quadros legais!

De volta do Café do Edésio o sr. Pilla tornou a atravessar o plenário, muito solene, alheio ao suplício do sr. Vasconcelos, indifferente à luta legal e desatento ao problema da terra. Já havia encontrado assunto para o Microscópio. Estava com tudo.

# LOTT: PREPARA-SE GRANDE RECEPÇÃO

Embora ressaltando que não se trata de lançamento de candidatura, os deputados da Frente Parlamentar Nacionalista estão preparando uma grande recepção no marcial Teixeira Lott, no aeroporto do Galeão, por motivo de seu regresso dos Estados Unidos, o que ocorrerá a 20 ou 21 do corrente. A F.P.N. está empenhada em fazer com que essa homenagem alcance a mais intensa repercussão, de modo a patentear o prestígio do marechal Lott no seio do povo.  
Resolveu também a Frente Parlamentar Nacionalista, em recente reunião de posse da sua Comissão Cen-

tral, lançar uma proclamação ao país, definindo a posição dos deputados nacionalistas em relação à atual conjuntura política e econômica. O documento será elaborado por uma comissão composta dos deputados Josué de Castro (presidente), Gabriel Passos, Nelson Omegna, Passos Pôrto e Celso Brant. Nessa mesma reunião foram aprovadas mais duas resoluções: a) traçar medidas concretas para revindicar a exame, pelo Congresso, das chamadas Acórdãos de Rohoré; b) convocar uma reunião especial para fixar o plano de ação da Frente no que se refere ao problema da carestia.



## HOMENAGENS A PRESTES NO RIO GRANDE DO SUL

O líder comunista visitou o general Flores da Cunha e manteve contatos com numerosos políticos

**PORTO ALEGRE.** — (Do correspondente) — Por ocasião de sua chegada a esta capital, Luiz Carlos Prestes foi recebido no Aeroporto Salgado Filho por grande número de admiradores, correligionários e amigos. Nesse mesmo dia, horas após, concedeu entrevista coletiva à imprensa e rádios, na sede da Associação Sul-Rio-Grandense de Imprensa, onde logo em seguida teve um encontro com estudantes e intelectuais, durante o qual abordou os mais importantes aspectos da atualidade política e esclareceu os pontos de vista e as posições dos comunistas.  
Durante sua estada em Porto Alegre, Pre-

stes visitou as cidades de Santo Angelo e Tenente Portela, revendo a zona onde comandou o Batalhão Ferroviário e, em outubro de 1921, deu início à marcha da Coluna Invicta.

Antes de seu regresso ao Rio, marcado para o dia 10, Prestes visitará a cidade de São Jerônimo, onde os mineiros o aguardam com um programa de manifestações e palestras.



tes visitou o general Flores da Cunha e manteve contatos com numerosos políticos, durante os quais esclareceu a orientação dos comunistas e a sua atividade na presente etapa da vida nacional.

Domingo último, dia 5, Prestes esteve na cidade de Casias, onde lhe foi oferecido um efêmero do qual participaram, apesar da intensa chuva que caía, mais de 500 pessoas. À noite, esteve em São Leopoldo e no dia seguinte visitou a cidade de Santa Maria, onde foi recebido entusiasmamente pela população local e por numerosas delegações de trabalhadores de vários Municípios vizinhos. A chuva impediu a realização do grande comício programado. Em seu lugar, realizou-se uma sessão solene no Cine Imperial, com a presença de mais de duas mil pessoas. As 23,30 horas teve lugar o banquete de 300 talheres, oferecido pela Associação dos Ferroviários, prolongando-se até depois das duas horas da madrugada.  
De Santa Maria, Pres-

## Ameaça à Soberania Do Povo Carioca

ISAAC SCHEINVAR

Fixada a transferência da Capital para 21 de abril de 1960, passando nessa data, o atual Distrito Federal, por força da Constituição, a Estado da Guanabara, tornou-se necessária uma lei que disciplinasse a mudança. A demora do Congresso e do Executivo em se pronunciarem sobre o assunto e a declaração (alguns meses atrás) do ministro da Justiça, sr. Cirilo Junior, favorável à intervenção, motivaram justificada preocupação e reação de todos os que sempre lutaram contra a intervenção federal, contra a discriminação política imposta a uma das mais politizadas parcelas do povo brasileiro. Tais preocupações tinham realmente fundadas razões pois se confirmaram com a sugestão de emenda constitucional que o governo acaba de apresentar à comissão mista de deputados e senadores encarregados de estudar e opinar sobre o assunto, procuraremos examinar a parte referente ao Estado da Guanabara.

### O PERIGO DA EMENDA CONSTITUCIONAL

Firmada na Constituição a transformação em Estado da Guanabara, restaria aprovada a lei ordinária regulamentando datas e outras questões relacionadas com a transferência, conforme sugeriu a Comissão Mista de deputado João Machado. No entanto, o governo optou por uma emenda constitucional. Nenhuma das questões abordadas pelo sr. Cirilo Junior e motivo de emenda constitucional, já que a própria Constituição não proíbe que o assunto seja objeto de lei ordinária. Alias, como veremos mais adiante, o Ministro procura "basear-se" na lei Orgânica do Distrito Federal (lei ordinária) para transformar os atuais vereadores em constituintes estaduais. Como então se explica a necessidade de uma emenda constitucional para repetir e regulamentar uma lei ordinária?  
Estamos em abril de 1959 faltando, portanto, um ano para a mudança da Capital. Em tempo são necessários dois terços dos votos da totalidade dos deputados e dos senadores, o que não foi alcançado sequer para a emenda dos senadores vitáveis, a despeito de todo o empenho do governo. Mas ainda na opinião do sr. Ministro e preciso que tudo seja aprovado até 30 de junho próximo, sendo...

uma vez que o Congresso até 30 de junho não pode efetivamente aprovar a emenda constitucional.

### VIOLANDO O MANDATO DO POVO

O sr. Cirilo Junior, defendendo o ponto-de-vista da bancada do PSD na Câmara Municipal, apresenta uma inovação que talvez seja caso único na história: a de transformar a Câmara Municipal, cujos membros foram eleitos para exercer a função de vereador, em Assembleia Estadual Constituinte. Na tentativa de justificar essa aberração, os vereadores (nem todos é verdade) não medem sacrifícios e contratam pareceres, a fim de "melhor fundamentar" a posse daquilo que o povo não lhes deu.  
Argumentam com o parágrafo 2.º do art. 1.º da Lei Orgânica, que diz:

"Efetuada a transferência da Capital da União, o atual Distrito Federal, que passara a constituir o Estado da Guanabara, reger-se-á pela Constituição que essa Assembleia Legislativa decretar", (o grifo é nosso).

Para os srs. vereadores "... a sua Assembleia Legislativa" são eles. No entanto, em nenhuma parte da Lei Orgânica, nenhuma vez sequer, essa denominação é utilizada para designar a Câmara Municipal, e o próprio Ministro da Justiça declara na sua exposição que a denominação de Assembleia Legislativa, segundo a Constituição Federal, é utilizada para Câmaras Estaduais, e que a Câmara Municipal será batizada de Assembleia Legislativa somente com a mudança da Capital. Admite, portanto, que não o é no momento. E lógico, portanto, que a Lei Orgânica se refere à Assembleia que deve ser eleita para o novo Estado e que, seguindo a tradição dos outros Estados, acumulará a função constituinte com a função legislativa.

Mais ainda, o Tribunal Regional Eleitoral, ao convocar as eleições de 3 de outubro de 1958 (ver nota da sessão do dia 29 de fevereiro de 1958 — proc. 71.53), quando a isto é importantíssimo, já estava em vigor a Lei Orgânica (1948) e a lei que transfere a Capital à República (outubro de 1947) dizia claramente que se tratava somente de eleições municipais e nenhuma palavra existe sobre a função constituinte. Portanto, o eleitorado carioca em outubro de 1958 não foi convocado pelo TRE senão para votar em candidatos a vereador.  
Mas, mesmo que admitíssemos um erro na lei, mesmo que os legisladores tivessem cometido um engano ao aprovar a Lei Orgânica, ainda assim, transformar os atuais vereadores em constituintes um ato maral, seria violar a soberania do povo, seria um insulto às nossas tradições democráticas. O mandato do po-

vo só por sua delegação expressa pode ser exercido.

Os vereadores que desejarem nomeados constituintes gostaríamos de vê-los diante do povo, dos seus próprios eleitores, para que de frente explicassem se na sua propaganda eleitoral se apresentaram como candidatos à Constituinte e qual o programa que neia prometeram defender.

### NOVO ESTADO COM NOVO INTERVENTOR

Para o governo, no entanto, tudo isto não basta. Quer transformar, num golpe de magia, vereadores em constituintes e, ainda por cima, pretende que o governador seja indicado pelo Catete, até 3 de outubro de 1960. Na opinião do ilustre Ministro de Justiça, não é conveniente eleger um governador, antes e próximo ao pleito presidencial. Por que? O Ministro não explica. Mas não é difícil compreender. O governo teme ser derrotado, sabe que a sua atual política financeira, que tem elevado brutalmente o custo de vida, já poderá ser julgada numa eleição anterior à presidencial. Prefere continuar com o hábito do cachimbo: intervir, para "preparar" as eleições presidenciais. Alguns defensores dessa tese já dizem mesmo: "Depois de tantos anos de intervenção mais alguns meses não tem importância".

### OS SERVIÇOS PÚBLICOS

Como sabemos, no Distrito Federal o Poder Judiciário, o Corpo de Bombeiros, a Polícia Militar e Civil estão sob a responsabilidade do governo federal, bem como o pagamento da iluminação pública. Deixando de ser Distrito Federal, é lógico que tais serviços passem à mão do novo Estado, cabendo ao governo federal contribuir com uma ajuda financeira, já que esta despesa é de vários bilhões de cruzados. Ao invés disso, prefere o governo que estes serviços sejam transferidos num prazo de cinco anos, significando isto termos um Estado com governador e Câmara eleitos, enquanto a polícia militar e civil continuará subordinada ao governo federal. O que não parece ser uma boa perspectiva para um Estado cujo eleitorado, dos mais conscientes do Brasil, nem sempre, como ocorre agora, está de acordo com a política do governo federal.

A solução democrática nos parece bastante simples. Trata-se apenas de aprovar uma lei ordinária que, disciplinando os problemas decorrentes da mudança da capital federal, convoque o povo carioca para eleger um governador e uma assembleia legislativa com função constituinte, no início do ano de 1960, de modo que a 21 de abril tais poderes sejam empoados, garantindo-se assim o princípio da autonomia do novo Estado.

# O Mundo Já Não é Um Quintal Do Imperialismo

O Tenente Orlando Benítez era ainda muito jovem estudante em Santiago de Cuba quando começou a ouvir falar em revolução. Suas primeiras letras já foram aprendidas na escola de Batista; ele cresceu enquanto crescia o ódio do povo à ditadura. Na escola, faz-se líder de seus colegas, por ser o mais ardente e ativo propagandista da revolução. Um dia, em 1955, com mais dois colegas, foi preso, torturado, e depois jogado numa prisão imunda. Até que, enfim, a revolução armada deixou de ser idéia, e foi realidade. No dia 2 de dezembro de 1956, Fidel Castro e seus companheiros desembarcaram em Playa Colorada e ganharam os altos

## O Tenente Benítez Fala Sobre Cuba Durante e Depois Da Revolução

ta, os dois olhos azeitanados crescem em seu rosto e trazem de volta o brilho ardente da juventude. É quando ele esquece, por um hiato, a fala ponderada e meditada que aprendeu na revolução

### VITÓRIA DE TODO O POVO

O repórter procura ir direto ao centro do problema, explicando-lhe a sua maior dificuldade para compreender a re-

par dinheiro. Quando um iguala à força do direito, na hora do fogo, mesmo o mais feroz torturador de Batista debandava. E preciso também não esquecer que todo o povo participou na luta, ao nosso lado. Se nossos efetivos militares foram poucos, até os últimos dias da revolução, era porque nós mesmos os limitávamos. A luta em Sierra Maestra era apenas uma chama da revolução, que precisávamos manter acesa, mas que não interes-

ticadas, unidos na luta armada contra a ditadura — Qual foi a participação dos comunistas no movimento? — Como partido, os co-

— Houve ajuda externa ao movimento? — viveres, que chegavam em nossos aeródromos em Sierra Maestra. O repórter tenta uma

caso da revolução atingir o domínio dos trustes açucareiros?

O Tenente Benítez novamente sorri: — Bem, não pode ha-

mos que os imperialistas sejam tão burros a ponto de desembarcar soldados em Cuba. Hoje, o imperialismo norte-americano tem um grande inimigo mundial, a Rússia. Intervir militarmente em Cuba seria para ele dar uma nova e poderosa arma a esse inimigo, diante da opinião pública mundial. Se eles tivessem certeza de que a coisa se faria rapidamente, sem muito

Como foram mobilizados os operários, camponeses e estudantes — Participação dos comunistas — Apoio do exterior — A reforma agrária será completa e radical — Se os Estados Unidos mandarem tropas...

Renato Arena

de Sierra Maestra. De boca em boca, a notícia se espalhou cátere por todo o País, e no mesmo dia chegava a prisão de Benítez, em Santiago. Num arrancada entusiasmada, ele inicia ali mesmo a sua insurreição: lidera uma revolta dos presos, que tomam as armas de seus carcereiros e conseguem fugir para a montanha, ao encontro de Fidel.

Para que ele fale sobre o que lhe aconteceu, e a que ele fez acontecer, desde aquela fuga "rombolesca" e que o repórter de NOVOS RUMOS foi procurar a Benítez está em seu quarto, em um hotel de Copacabana, e seu rosto mostra uma expressão de fadiga, que explica ser resultado de mais de três semanas de verdadeira odisséia de propaganda pela Amé-

ricana. Não é fácil, para quem está longe, encontrar as razões que levaram à derrota os exércitos de Batista. Nos últimos dias da revolução, quando se multiplicaram os efetivos rebeldes, não havia mais do que cinco mil homens armados, sob o comando de Fidel Castro. Batista deveria ter, sob suas ordens, um número pelo menos dez vezes maior de soldados. Por que estes foram vencidos?

O Tenente Benítez sorri, como se já conhecesse a pergunta. Responde com facilidade:

— De fato, as forças de Batista, nominalmente, eram muito superiores. Mas, no campo de batalha esta superioridade desaparecia. Você não se esqueça de que os soldados de Batista se batiam

seva engrossar sobremaneira, porque havia outros chamados, igualmente importantes, e porque todas precisavam crescer juntas: a agitação nas cidades a mobilização de classe operária, dos estudantes, e dos camponeses. Quando conseguimos organizar todo o País para a luta revolucionária o regime de Batista ficou sapado pela base. Bastava um sópo para acabar de liquidá-lo. Em dois meses engrossamos nossos efetivos em Sierra Maestra, vencemos a batalha de Santa Clara e Batista fugiu. E por isso que não estamos brincando nem fazendo imagens literárias, quando dizemos que a vitória em Cuba não foi nossa, dos militares; foi a vitória de todo o povo, contra a opressão terrorista e colonialista.



**O UNIFORME É UMA ACUSAÇÃO** — Nesta fotografia (do arquivo policial de Fulgêncio Batista e até agora inédita) aparecem os aviadores (de uniforme) contemplando calmamente o resultado da massacre, por eles feito, dos estudantes. O automóvel (também atingido pelas balas) é uma testemunha muda de acusação. Por esse crime é que os aviadores responderam, tendo sido condenados mediante um recurso ao Tribunal Superior de Cuba, e não por um tribunal de exceção, como diz certa imprensa interessada em divulgar a campanha de mentiras das agências norte-americanas contra os revolucionários de Fidel Castro

munistas se integraram na FONU: individualmente, muitos deles se batiam ao nosso lado, na frente militar, sob o comando do Movimento 26 de Julho.

pergunta delicada. Explica que o noticiário que tem chegado ao Brasil sobre a reforma agrária planejada em Cuba que se não fala nas grandes plantações de açúcar da "United Fruit" e outras companhias norte-americanas. Haverá intenção de poupar essas terras, na reforma?

### COMPLETA E RADICAL

O Tenente Benítez que se se assusta. Sua resposta vem rápida:

— "Chê! É preciso dar-nos um pouco de tempo... Faremos a reforma completa e radical da estrutura da propriedade da terra, sem poupar ninguém, mas é preciso que nos dêem tempo para que façamos as coisas organizadamente, sem tumulto. Como se pode imaginar que não o faremos? É todo o povo de Cuba que o quer, são todos os camponeses cubanos, ontem oprimidos e miseráveis, que agora exigem, e, mesmo, com impaciência. Contra a reforma, existe apenas uma meia dúzia de privilegiados, e, o que é pior, na maior parte estrangeiros.

Como se pode imaginar que o governo revolucionário irá contra todo o povo, para não contrariar essa meia-dúzia? Faremos a reforma agrária, da mesma forma que cumpriremos o programa: dar ao povo liberdade política e justiça social, e independência econômica para a Nação.

— O senhor exclui a hipótese de uma resistência, ou mesmo intervenção norte-americana, no

ver dúvida de que o imperialismo vai resistir, pois ele já está resistindo, e não é por outra razão que eu estou aqui, falando com o senhor. Mas, não acreditamos que haja intervenção direta. Eles certamente tentarão um bloqueio econômico, no máximo jogarão contra nós um Trujillo qual quer.

— Como na Guatemala?

— Sim, como na Guatemala. Mas, com a diferença de que, hoje, a situação internacional ficou muito difícil para uma aventura imperialista desse tipo. E também a situação interna em Cuba é muito diferente. Na Guatemala havia um governo eleito, uma vanguarda esclarecida, mas que não tinha ligações muito estreitas com as massas camponesas, pouco politizadas. Em Cuba, seria a todo o povo em armas que um invasor estrangeiro encontraria pela frente. E, se vencemos Batista, não vejo porque um Trujillo qualquer poderia vencer nos, mesmo armado com a "última palavra" do belicismo yanque.

### DOIS MUNDOS

O repórter insiste:

— O senhor não acredita em intervenção direta norte-americana, mas vimos, há pouco, no Líbano, que em certos casos eles não hesitam em intervir com suas próprias forças militares.

— Olhe, nós não excluímos a hipótese, mas sinceramente não o acreditamos.

barulho, como no Líbano, ainda poderiam tentar

Mas eles sabem que o povo cubano está disposto a morrer, na defesa de sua revolução, que teriam que tomar cidade por cidade, casa por casa. Quando eles já encontram hostilidade em toda a América Latina, sem recorrer a esses métodos, uma guerra de conquista desse tipo faria com que todo o Continente, se levantasse contra os Estados Unidos. Não acreditamos que eles queiram correr esse risco.

— E, no caso de um bloqueio econômico, que possibilidade teria Cuba de resistir?

O Tenente Benítez tem um sorriso de grande força, ao mesmo tempo malicioso e alegre. O sorriso voltou aos seus lábios:

— Também a ameaça de um bloqueio econômico era uma coisa terrível, para um pequeno país quando o mundo era um só, quando todo o mundo era um imenso quintal do imperialismo. Hoje, há dois mundos: o imperialismo não pode mais bloquear um pequeno país que procura a sua independência. Se os Estados Unidos deixarem de comprar o nosso açúcar, nós o venderemos para a Rússia, ou para a China.

Cuba já é um País que tem política exterior própria, já não é mais um instrumento dos Estados Unidos na "guerra fria". De resto, nós queremos deixar de ser um País exportador de açúcar, e importador de automóveis...



### A PRIMEIRA VÍTIMA

infelizmente seguiram-se milhares de outras

rica Latina. As circunstâncias — a teia de mentiras tecidas pelas agências "noticiosas" e jornais norte-americanos sobre a revolução cubana — fizeram-no, ao guardar o fuzil, voltar a ser o propagandista da revolução, que agitou os estudantes de Santiago de Cuba. Mas, dois anos de privações, de lutas e de vitórias deixaram traços profundos, indelével em seu rosto negro e an-guloso. Apenas raramen-

homem se bate por dinheiro quer conservar a vida, para gastar o dinheiro. Para que entre na batalha disposto a deixar nela a vida, é preciso que se identifique com a sua luta, que esteja se batendo por si mesmo, e não para conservar privilégios de outros. Era preciso que ele fosse um revolucionário. E a revolução éramos nós.

— O direito da força — prossegue o tenente revolucionário — nunca se

### FORMAÇÃO DE CELULAS

— Como foi organizada esta mobilização dos trabalhadores? — corta o repórter.

— Desde 56 vinhamos promovendo a formação de células do "Movimento 26 de julho em todos os sindicatos. O passo decisivo, entretanto, foi dado em novembro passado, quando foi formada a "Frente Obrera Nacional Unida", com a participação dos trabalhadores de todas as tendências poli-

— Formamos células de propaganda e agitação em todas as capitais e grandes cidades do Continente americano. Estas células tinham a tarefa de conquistar a opinião pública local e coletar fundos, para a nossa causa. Depois da derrubada de Jimenez, durante o governo de Larrazabal, a Venezuela foi o País onde o trabalho destas células teve melhor resultado; de lá recebemos grande quantidade de armas e

— Em 1955, no estádio de futebol da Havana, a polícia de Batista atacou uma manifestação estudantil e matou um estudante. Foi a primeira vítima. E

UM LOGRO A APOSENTADORIA ORDINARIA

A MORTE CHEGA MAIS DEPRESSA

Um velho trabalhador metalúrgico, de quase setenta anos, agoniza há onze meses, mergulhado na miséria, aguardando os benefícios da aposentadoria ordinária. Um câncer maligno corre o pulmão esquerdo do antigo estanhador, que há 54 anos vinha trabalhando ininterruptamente. As dores da terrível moléstia o surpreenderam em plena atividade, na metalúrgica Hime, onde durante 43 anos exerceu sua profissão.

A situação desesperadora deste homem, João Batista da Gama, com 68 anos de idade, e que trabalhou 54 anos (43 na Hime e 11 na Light) é um líbello arrasador contra os obstáculos que os Institutos de Previdência vêm opondo aos trabalhadores a fim de evitar a concessão da aposentadoria ordinária aos 30 anos de serviço e 55 anos de idade, em conformidade com a Lei 385-A, de 13 de maio de 1958.

APOSENTADORIA

Aos 68 anos de idade, já sem um pulmão (o estanhador extrai esse órgão no Serviço Nacional do Câncer), sabendo que o mal continua a lhe torturar, o operário, sem recursos, vivendo do benefício por doença concedido pelo IAPI — Cr\$ 3.700,00 mensais — resolveu requerer a aposentadoria ordinária. Desde agosto que sua esposa, a sua, Teresa de Souza Gama, orientada pelo funcionário do Sindicato dos Metalúrgicos, vem tentando conseguir esse benefício para o seu companheiro. Finalmente, em 2 de dezembro de 1958, deu entrada em todos os papéis exigidos pelo Decreto 44.177, de 26-7-58, que regulou a Lei de Aposentadoria Ordinária. Em troca, recebeu o protocolo de número 11.907.216. Passados 5 meses, a Divisão de Benefícios do IAPI voltou a fazer novas exigências, tornando mais difícil a concessão da Aposentadoria.

REVOLTA

O velho estanhador que trabalhou durante 54 anos, 21 dos quais contribuiu para o IAPI, vive atualmente num estado de miséria lastimável. Sua esposa, idosa e cega, lava e passa roupa para fora, a fim de garantir o sustento da casa. As suas viagens à cidade, durante mais de 8 meses, para cuidar da aposentadoria do marido, constituem um poço no seu trabalho e significam menos pão para o velho trabalhador. O homem que durante 43 anos trabalhou nas oficinas da Hime, diante da situação de pânico em que se encontra, resolveu apelar para seus antigos patrões, solicitando uma indenização que lhe garantisse um fim de vida menos miserável. Os patrões, entretanto, deram-lhe três mil cruzeiros e encerraram o assunto, dizendo que cabia ao IAPI o seu sustento.

An lado de esposa, relatando estes fatos ao repórter, o velho metalúrgico não pôde conter as lágrimas da revolta. Suas faces estão

- \* Velho estanhador, com 54 anos de trabalho, enfrenta há cinco meses a má vontade do IAPI
- \* Operária que trabalhou 31 anos na Química Bayer teve o pedido recusado porque deixou de contribuir um mês para o Instituto
- \* Os benefícios concedidos pela lei de aposentadoria são manhosamente senegados na regulamentação

castigadas pela angústia da moléstia e pela sensação de desprezo e desamparo no fim de sua vida. Este homem tem 68 anos de idade, trabalhou 54 anos. Foi, com documentos fornecidos pela Hime, que só ali esteve empregado durante 43 anos. E contribuiu, no cinco, mas 21 anos ininterruptos para o IAPI. Há cinco meses deu entrada no requerimento solicitando a aposentadoria, mas até hoje o IAPI continua opondo obstáculo ao seu pedido.

DESCONTAMENTO GERAL

Tanto no IAPI, como nos demais Institutos de Previdência, há milhares de casos idênticos ao do estanhador João Batista da Gama.

A sede central do IAPI, até o dia 3 deste mês, tinha recebido, de todo o País, 2.463 pedidos de aposentadoria ordinária. Dêstes foram concedidas apenas 379. Seiscentos e quarenta se encontravam em diligências. 49 foram negados e 1.295 dependem ainda de apreciação. Estes pedidos começaram a ser protocolados desde julho de 1958.

O Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito Federal, segundo estamos informados, possui 53 petições; o dos Marceneiros, 20; o de Trabalhadores em Produtos Químicos, 50. Até hoje, decorridos mais de 8 meses, nenhuma das solicitações de aposentadoria foi atendida.

APOSENTADORIA NEGADA

É comum ouvir-se entre os trabalhadores que a lei deu a aposentadoria, mas a regulamentação a tirou. Essa afirmativa tem fundamento. A operária Carmen Pinto Coelho, de 61 anos de idade, trabalhou na Química

Bayer durante 31 anos, finiu os quais resolveu pedir a aposentadoria. Junto todos os documentos necessários que, segundo a regulamentação, são os seguintes: a) carteira profissional (se tiver mais de uma deverão ser apresentadas todas); b)

Caderneta de contribuições (todas); c) Certidão de Registro Civil de nascimento ou de casamento, ou outro documento que comprove ter o requerente, no mínimo, 55 anos de idade.

A operária Carmen Pinto apresentou todos os documen-

tos. Uma surpresa revoltante porém, lhe estava reservada: verificou-se nas diligências realizadas pelo IAPI, que no mês de abril de 1958 não constava a sua contribuição. A aposentadoria lhe foi negada porque a regulamentação da lei exige que o requerente tenha pago as suas cotas ininterruptamente durante os cinco últimos anos que trabalhou. A operária da Química Bayer vinda pagando as suas cotas desde que o IAPI foi fundado. Mas durante o mês de abril de 1956 esteve licenciada, e não fez a contribuição para o Instituto. Por isso, apesar de ter pago ao IAPI durante mais de 20 anos, teve a sua aposentadoria negada. Tanto o Sindicato, como as patrões, protestaram-se a pagar o desconto do referido mês, e os respectivos juros de mora. A administração do Instituto, entretanto, manteve-se intransigente, deixando a operária em situação desesperadora.

IAPC NO MESMO RITMO

Também no IAPC, como nos demais Institutos de Previdência, as exigências, algumas das quais impossíveis de serem atendidas, e a morosidade na apreciação dos pedidos de aposentadoria, constituem um verdadeiro líbello às pretensões do trabalhador.

O Sindicato dos Trabalhadores em Hotéis e Similares do Distrito Federal enviou 18 petições, algumas das quais datam de agosto. Destas apenas uma foi concedida, sendo beneficiado o hoteleiro Albino de Souza, antigo empregado do Hotel São Francisco, Albino, embora contando 67 anos de idade, tendo, portanto, direito no prêmio de 4 por cento da aposentadoria sobre cada ano, além do mínimo de 55, foi aposentado com o benefício de Cr\$ 4.200,00 mensais.

PROVIDÊNCIAS

Os dirigentes sindicais não poupam críticas à conduta dos Institutos. Várias reuniões têm se processado entre presidente do sindicato e representante dos órgãos de Previdência. A situação, entretanto, continua inalterada, levando a descrença e a revolta nos trabalhadores que, com a Lei de Aposentadoria Ordinária, pensavam ter assegurado um fim de vida mais tranqüilo.



Dona Teresa, esposa dedicada do velho estanhador, aponta para o repórter de NOVOS RUMOS a cicatriz deixada pela operação que extraiu o pulmão canceroso do seu marido. Dona Teresa, idosa como o seu companheiro, é obrigada a lavar para fora, enquanto espera que o IAPI aposente o velho metalúrgico

IPASE CONSTRÓI EDIFÍCIOS EXPLORANDO TRABALHADORES

Centenas de trabalhadores da construção civil, empregados nas obras do Conjunto Residencial do IPASE, em Jacarepaguá, estão re-

voltados com a conduta da firma empregadora, dirigida pelo engenheiro Eliazar Rodrigues, que viola sistematicamente os direitos dos operários, negando-se a assinar suas carteiras, a fazer os descontos para o IAPI, a pagar férias e indenizações.

DISPENSA SEM INDENIZAÇÃO

O Operário Pedro Ribeiro, juntamente com mais seis companheiros, após 15 meses de trabalho, foi dispensado da firma empregadora, sem que para isso houvesse motivo justificado. Os empregadores negaram-lhe o aviso prévio e as férias a que tinha direito.

Essas irregularidades, descobertas, por conveniência, pela fiscalização do Ministério do Trabalho e do IAPI, são cometidas sob a proteção do encarregado das obras, sr. Antônio da Paiva, cuja função é a de procurar atemorizar os trabalhadores, propagando que "mandará para o fundo da cadeia todo aquele que se meter a procurar a Justiça".

SALÁRIO MÍNIMO

Quando da greve pelo pagamento do novo salário mínimo, a empresa, diante da combatividade demonstrada pelos trabalhadores, anunciou que cumpriria a lei. Isto é, pagaria o novo salário mínimo a partir de 1.º de janeiro. Agora, entretanto, negase a fazê-lo, aumentando com isso a revolta dos trabalhadores, que procuram se encaminhar para o Sindicato, a fim de garantir a conquista de seus direitos.



O velho estanhador João Batista da Gama mostra a reportagem de NOVOS RUMOS as suas mãos, hoje trêmulas, mas que trabalharam com segurança durante 54 anos, 43 na Metalúrgia Hime e 11 na Light. Aos 68 anos, vítima de um câncer pulmonar, o IAPI opõe todos os obstáculos a concessão da sua aposentadoria ordinária

CRISCIUMA: — AUMENTO OU GREVE A 1.º DE MAIO

FLORIANÓPOLIS. (Do correspondente) —

Cerca de doze mil trabalhadores das minas de carvão de Crisiuma, Laura Muller e Cruzsanga, resolveram deflagrar uma greve à zero hora do dia 2 de maio, se até aquela data as firmas empregadoras não tiverem concedido o aumento salarial pleiteado pela corporação.

Os trabalhadores reivindicam um reajustamento salarial capaz de corrigir a irregularidade criada com a vigência do novo salário mínimo, que nivelou o salário dos mineiros ao dos trabalhadores que antes recebiam remuneração mais baixa. O salário mínimo nas minas era de Cr\$ 2.100,00, enquanto que o geral era de Cr\$ 1.200,00. Com a elevação do mínimo, para Cr\$ 1.500,00, os mineiros ficaram com os salários nivelados aos demais trabalhadores. Para corrigir esta irregularidade, e assegurar os direitos antes adquiridos, os três sindicatos que congregam os trabalhadores da Região uniram-se num pacto intersindical e se dirigiram aos patrões pleiteando aumento na seguinte base: para o pessoal do subsolo, e profissionais que trabalham em minas de carvão, aumento de Cr\$ 3.500,00; para o pessoal da superfície, aumento de Cr\$ 2.500,00; e, para os escolhedores de carvão, aumento de Cr\$ 800,00.

COORDENAÇÃO DE FORÇAS



Na reunião do Conselho de Representantes da C.N.T.L., efetuada no dia 1.º de abril corrente, foram tomadas medidas para dar corpo à «Unidade de Ação das Entidades Sindicais». Essa resolução vem ao encontro dos insistentes reclamos dos trabalhadores que, confiantes em seus órgãos de classe, exigem que tenham uma atuação mais viva, mais permanente, e que haja entre eles uma perfeita unidade de ação. Isto não constitui um desejo de criar novos organismos complicados e inúteis. Trata-se de ir aproveitando o que existe, dando-lhe formas novas, corrigindo na prática seus defeitos, que tantos obstáculos criam à unidade de ação do movimento sindical brasileiro.

A maior responsabilidade pela formação das intersindicais, como Pactos, Conselhos Sindicais, Comissões especiais, cabe à atuação falha, omissa muitas vezes, que têm tido as Confederações, Federações Nacionais e Estaduais (salvo algumas exceções). Pelas dificuldades criadas na unificação dos esforços dos trabalhadores (o caso de São Paulo é típico), dirigentes e militantes sindicais organizam outras formas para aglutiná-los. Daí surgirem variados métodos e maneiras de luta e de organização.

Os primeiros a dar exemplo de que forma se deve unificar as forças proletárias devem ser as Confederações e entidades Nacionais (e suas direções máximas e seus conselhos de representantes). Ouvir e acatar a voz e a vontade dos trabalhadores, das organizações sindicais, por menores e modestas que sejam. Assim é que se poderá formar os Conselhos Sindicais nos Municípios, nos Estados e nacionalmente, tal como decidiu o Conselho de Representantes da C.N.T.L. na sua reunião do dia 1.º de abril. Esses Conselhos são compostos de representantes (eleitos nas fábricas e nos sindicatos), de todos os ramos de trabalho: indústria, comércio, transporte (terrestre, marítimo e aéreo), crédito e profissões chamadas liberais. Unificação no âmbito municipal, depois, e da mesma forma na esfera estadual e, por último, nacionalmente, entre as Confederações, Federações nacionais e Sindicatos também de ação em todo o nosso território. Para esclarecer melhor, são organismos que se assemelham às uniões sindicais, bases amplas para uma ação permanente de todas as organizações sindicais. E, no centro e na cabeça, uma única organização sindical nacional, com direção colegiada.

Os dirigentes sindicais do Distrito Federal, em reunião efetuada no dia 2 de abril, decidiram inaugurar o Conselho Sindical do Distrito Federal, no dia 1.º de maio, no Palácio dos Metalúrgicos, que nesse dia glorioso do proletariado mundial vai abrir suas portas. Vai ser o primeiro. Outros virão. Assim esperam os trabalhadores brasileiros.

Primeiro Congresso De Trabalhadores

Camponeses, estudantes e funcionarios poderao participar — Temário

SAO LUIS — (do Correspondente) O Pacto de Unidade Sindical dos Trabalhadores Maranhenses, entidade que congrega 29 organizações sindicais da capital, deliberou convocar o I Congresso Sindical dos Trabalhadores do Maranhão, a realizar-se de 1 a 3 de maio próximo.

No manifesto de convocação, que foi assinado por cerca de 30 presidentes de Sindicatos, e resultada a necessidade de ser mantida a unidade das classes trabalhadoras, como fator decisivo para a conquista das reivindicações operárias.

CONGRESSO ABERTO No sentido de contribuir para que o Congresso seja tão amplo quanto possível, deliberaram os dirigentes do Pacto Sindical que as enti-

dades estudantis, de lavradores e do funcionalismo poderão, através de delegados, com direito a voz, mas sem direito a voto.

TEMARIO

Para orientar os trabalhos do Congresso foi aprovado o seguinte temário: problema salarial; b) questões do abastecimento e controle dos preços. ORGANIZACAO SINDICAL: a) liberdade, autonomia e unidade sindicais. LEGISLACAO TRABALHISTA: reforma da Consolidação das Leis do Trabalho; direito de greve; Justiça do Trabalho. PREVIDENCIA SOCIAL: Lei orgânica da Previdência, situação dos Institutos e Casas do Estado. O SAPS e o SANDU no Mara-

nhão, construção de casa própria. SITUACAO ECONOMICA DO MARANHÃO: amparo e assistência à lavoura e à pecuária do Estado, a questão agrária, problema do babaçu e de outras riquezas nativas do Estado.

AS COMISSOES

Para que o Congresso possa alcançar seus objetivos, foram constituídas diversas Comissões, entre as quais a de Finanças e de Propaganda. A primeira é destinada a angariar fundos necessários às despesas do Congresso; a segunda, para desenvolver a mais ampla propaganda do certame entre todas as camadas sociais, principalmente entre os trabalhadores. Líderes de todos os sindicatos participam das referidas comissões.

# AUTOCARROCELIAS: INDÚSTRIA NACIONAL SOB A MIRA DOS CAPITALS ESTRANGEIROS

**As fábricas nacionais podem suprir a demanda do mercado; mas o Governo abre as portas às empresas estrangeiras que, em condições privilegiadas, acabarão por liquidar o que já foi feito no Brasil — O exemplo da Mercedes-Benz — Processo de desnacionalização em marcha**

Na semana passada, com as unidades de praxe, foram encaixotados os primeiros jipes produzidos no Brasil e exportados para o exterior. O fato, apesar de noticiado com um grande acontecimento, não pode ocultar, todavia, um outro aspecto: a indústria automobilística instalada no Brasil já surgiu superdimensionada, isto é, acima da capacidade do mercado nacional, com todas as sérias consequências que daí decorrem.

Seria, porém, apenas uma meia desgraça se se limitassem ao superdimensionamento as repercussões negativas da indústria automobilística sobre a economia nacional, nas bases em que está sendo instalada. Certamente mais grave é o fato de que o que o Brasil já havia construído em matéria de autopeças, de montagem de veículos e de construção de autocarrocerias está ameaçado de desaparecer ante o impacto de poderosas empresas estrangeiras montadas em condições privilegiadas. Não estamos exagerando. Como veremos nesta reportagem, focalizando especificamente a situação das empresas brasileiras de autocarrocerias, estas se acham ante o dilema de fechar as portas ou serem absorvidas pelas empresas estrangeiras, a menos que sejam tomadas de imediato, pelo Governo, providências no sentido de preservar o que é autenticamente nacional.

## CAPAZES DE SUZURIR O MERCADO INTERNO

A indústria nacional de autocarrocerias, assim como a de autopeças, desenvolveu-se de modo expressivo, no Brasil, dos anos da Segunda Guerra para cá. De um lado, havia as dificuldades e, até então, a suspensão das importações, o que forçava o país a buscar dentro de nossas próprias fronteiras as soluções para os problemas relacionados com a manutenção de nossa frota automobilística e a montagem de carrocerias de veículos de transporte coletivo. De outro lado, possibilitando essa solução, intervenha uma empresa estatal — Volta Redonda — abastecendo tais indústrias com a matéria-prima.

E porque é coisa de pouco tempo, todos puderam ver o notável esforço desenvolvido pelos empresários, técnicos e operários brasileiros da indústria de autocarrocerias para superar o atraso de que principia numa atividade pioneira. Muitos dos atuais proprietários de tais indústrias eram até há dez ou quinze anos mecânicos de automóveis que, graças ao seu esforço e à sua habilidade, conseguiram instalar oficinas e

pequenas fábricas, que se foram ampliando com o tempo. E hoje já se fabricam no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, carrocerias de autocarrocerias de transportes coletivos plenamente satisfatórias. O progresso realizado foi grande, sem dúvida. A quase totalidade das carrocerias dos ônibus importados passam a ser fabricadas aqui mesmo, com apreciável economia de divisas.

Em seu conjunto, as fábricas nacionais de autocarrocerias possuem, hoje, um capital que supera largamente os 500 milhões de cruzeiros e, por sua capacidade de produção, está em condições de suprir a demanda do mercado nacional de auto-ônibus, calculada em cerca de oito a nove mil unidades por ano. Efetivamente, um levantamento das dez principais fábricas de autocarrocerias — todas elas localizadas no sul do País, que é também, quem abastece o norte — mostra que elas podem atualmente fabricar nada menos de 460 unidades por mês e que com as ampliações projetadas — atingindo de 700 a 800 unidades-mês — ainda haverá um pequeno excedente. E, além destas empresas, responsáveis por cerca de 90 por cento das autocarrocerias construídas no Brasil, há ainda outras menores, enfim, em condições de suprir completamente o mercado interno.

## ENTRAM AS EMPRESAS ESTRANGEIRAS

Quando foi anunciado, pelo Governo, o propósito de instalar no Brasil uma indústria automobilística, não faltaram as garantias de que a indústria nacional, pioneira, já funcionando no País, teria os necessários estímulos e o amparo oficial... De fato, passados menos de dois anos desde o funcionamento das primeiras empresas estrangeiras, o que ocorre é o oposto: as empresas nacionais atravessam sérias dificuldades e o fato é que não estão contando com a prometida assistência do Governo para poder enfrentar com êxito a concorrência do capital estrangeiro. Até há poucos anos, a indústria de autocarrocerias no Brasil trabalhava com chassis importados. Atualmente, contudo, praticamente não há importação de chassis, sendo a "Mercedes-Benz", poderosa empresa alemã, o principal fornecedor das fábricas de autocarrocerias. Vendo-se nessa situação privilegiada, como vem procedendo a empresa estrangeira? Primeiro, desfez uma ofensiva sobre os fabricantes brasileiros de autocarrocerias, propondo-lhes comprar-lhes as empresas ou, pelo menos, associar-se aos mesmos

detendo a maioria do capital. Em face da recusa praticamente geral dos empresários nacionais, passou a adotar outras táticas: restringir o número de chassis fornecidos, aumentar os preços, dificultar as condições de pagamento.

De outro lado, a política creditícia do Governo, dificultando o acesso dos empresários brasileiros ao crédito enquanto tudo facilita às empresas estrangeiras, como é o caso da Light, que está em vias de obter 17 bilhões de cruzeiros no BNDE — torna ainda mais precária a situação da indústria nacional de autocarrocerias.

## CONSEQUÊNCIAS

Dissemos, linhas atrás, que um levantamento das principais empresas do Rio e São Paulo revelou uma capacidade de produção da ordem de

460 autocarrocerias por mês, correspondendo, na prática, à capacidade de absorção do mercado nacional, desde que concretizados os planos de expansão das fábricas brasileiras. A verdade, porém, é que as fábricas nacionais estão trabalhando com aproximadamente metade daquela capacidade, isto é, produzindo cerca de 240 autocarrocerias mensais, devido às dificuldades impostas pela "Mercedes-Benz" e pela política de crédito do Governo. Em consequência, metade dos operários empregados nesse ramo acham-se desempregados ou exercendo outras funções, de qualificação diferente.

Se tal e o quadro que se apresenta à indústria nacional, bem outra é a situação das empresas estrangeiras, a começar pela "Mercedes-Benz". Em condições de contornar as dificuldades de crédito e fabricando ela própria os chassis, a "Mercedes" re-

solveu fabricar, também ela, autocarrocerias, expulsando, assim, do mercado brasileiro

as empresas brasileiras que aqui se formaram. Com efeito, o GEIA (Grupo Executivo da Indústria Automobilística), organismo oficial, registrou projeto da empresa alemã para fabricar, nos anos de 1958 a 1960, respectivamente 1.350, 3.300 e 3.900 ônibus completos (inclusive com carrocerias) por ano. Para isto, a "Mercedes" fez um investimento direto de equipamentos no valor de 2 milhões 770 mil dólares, importados sem cobertura cambial, isto é, em condições que não estão ao alcance de nenhum industrial brasileiro.

Mas, não para aí o processo de liquidação da indústria nacional de autocarrocerias pela indústria "nacionalizada" de automóveis que JK resolveu implantar no Brasil. Num dos seus últimos números, a revista "PN" informa que também a "Scania-Vabis", associada ao grupo Ve-mag, projeta fabricar ônibus no Brasil, apesar de que o seu projeto, aprovado pelo GEIA, de acordo com os relatórios do Conselho de Desenvolvimento, prevê, apenas, a construção de caminhões. E há mais. Conseguimos apurar que elementos destacados do grupo que dita a atual política econômica-financeira do Governo, estão em entendimentos a fim de trazer para o Brasil uma das maiores

empresas norte-americanas de autocarrocerias, a "Pishher", subsidiária da "General Motors".

## DEFESA OU LIQUIDAÇÃO?

Assim, pois, a indústria nacional de autocarrocerias acha-se colocada ante o dilema de obter medidas de defesa do Governo — e, nesse caso, sobreviver e progredir, como convém à economia nacional — ou, então, ser liquidada ou absorvida pelas empresas estrangeiras, verificando-se um programa de "nacionalização" às avessas.

E não seriam necessárias medidas extremas por parte do Governo para preservar os interesses na indústria nacional. Bastaria, por exemplo, que o GEIA se recusasse de empresa estrangeira para a fabricação de autocarrocerias no Brasil, levando em conta que a demanda do mercado pode ser e está sendo atendida pelas empresas nacionais. Para isto, todavia, é necessário mudar toda a política seguida pelos Lucas Lopes e Roberto Campos, que consiste, precisamente, em franquear ao capital estrangeiro, num autêntico processo de desnacionalização, tudo aquilo que foi construído no Brasil com esforços e recursos nacionais.

# OS GRANDES BANCOS E O PODER POLÍTICO

Artigo de ELSON COSTA

O desenvolvimento dos grandes bancos de Minas Gerais, em crescente expansão, demonstra que os banqueiros mineiros procuram assumir a liderança da rede bancária particular do país. Contando com oitocentas (800) agências, aproximadamente, em todos os Estados, os bancos mineiros manipulam vultosas somas de mais de um milhão de depósitos.

O exame comparativo do montante dos depósitos nos maiores bancos de São Paulo e de Minas, deixa evidente a supremacia mineira:

## OITO (8) BANCOS MINEIROS

Depósitos do público — 61 bilhões.

De poderes públicos e autarquias — 570 milhões.

## OITO (8) BANCOS PAULISTAS

De poderes públicos e autarquias — 39 bilhões.

Depósitos do público — 11 bilhões e 765 milhões.

Os depósitos do público nesses bancos mineiros são 57% a mais do que nos referidos bancos paulistas. Nestes, somente os depósitos de poderes públicos e autarquias são superiores, porque só no Banco do Estado de São Paulo o governo estadual tem depósitos no valor de 11 bilhões e 486 milhões de cruzeiros.

O total dos depósitos nos bancos mineiros atinge 64 bilhões de cruzeiros, mais da metade de todo o dinheiro em circulação no país, proporcionando, em 1958, lucros líquidos de UM BILHÃO E DUZENTOS MILHÕES. Daquele total dos depósitos, apenas 21 bilhões de cruzeiros são depósitos de Minas

Gerais. Isto revela o prestígio da rede bancária mineira nos outros Estados, de onde recolhe 41 BILHÕES de depósitos do público.

Os dois mais poderosos grupos de banqueiros, o paulista e o mineiro, naturalmente se empenharão na luta pela posse do poder político, a fim de dominar o Ministério da Fazenda e conseguir uma política econômico-financeira que consulte mais aos seus interesses. A tese da "pacificação", da "união das forças do centro", em parte tem sua origem nesta luta, e, politicamente, coincide com as pretensões dos setores mais reacionários e dos agentes internos do imperialismo norte-americano.

Por várias vezes já foi tentada, em São Paulo, a associação de quatro ou cinco bancos paulistas, visando a formar um "banco gigante", para competir com os grandes bancos de Minas Gerais. Ultimamente, o "cabeca" desse movimento é o sr. José Maria Witaker, diretor do Banco Comercial do Estado de São Paulo, grande estabelecimento bancário com 7 bilhões de depósitos, porém inferior ao Banco da Lavoura de Minas Gerais, com 13 bilhões, atualmente o maior banco particular do país.

Por outro lado, bancos mineiros, com o Moreira Sales à frente, estabelecimento com 8 bilhões de depósitos, procuram adquirir ações de bancos paulistas. Os maiores bancos mineiros pelos seus principais diretores, estão mais ligados ao PSD, apesar do cuidado em não aparentar cor partidária e conseguir o máximo de clientes. O único presidente de um grande banco, abertamente partidário, é o sr. Magalhães Pinto, do Banco Nacional de Minas Gerais (10 bilhões de depó-

sitos), ex-presidente da UDN mineira e que, derrotado o sr. Herbert Levy (diretor do Banco América, de S. Paulo), foi eleito presidente nacional da UDN. Neste posto o sr. Magalhães Pinto terá maior força e mais autoridade para defender a unidade entre a UDN e o PSD, tão necessária aos interesses de seu banco e de todo o grupo de banqueiros de Minas Gerais. O PSD de Minas domina o PSD nacional. As derrotas eleitorais de vários chefes possedistas, de projeção nacional, a exemplo de Amaral Peixoto, Peracchi, Barceiros, Klevino Lins, Vieira de Melo, e a falta de expressão do PSD paulista fazem de Minas Gerais a base mais importante do PSD, dando-lhe o controle da política possedista no país. Aqui, se associam na política os interesses econômico-financeiros dos grandes bancos mineiros, reforçando-se para a disputa do poder político com o não menos poderoso grupo de bancos paulistas. Neste complexo jogo político, a meta principal são os postos-chaves da política financeira do governo.

Esta contradição entre os dois grandes grupos de bancos é secundária no conjunto das questões fundamentais do país, mas exercem um papel muito importante na situação política nacional. A burguesia, os grandes fazendeiros e o imperialismo estão entrelaçados nessa luta. E, em aspecto a ser estudado, porque também em neste embate se devem localizar os interesses nacionalistas e o trabalho do entreguismo.



A Mercedes-Benz é a única empresa que fabrica «chassis» para ônibus. Dêsse monopólio ela tira duplo proveito, sufocando a indústria nacional de auto-carrocerias e ditando os preços mais altos. Além do mais, a empresa alemã não trouxe qualquer inovação essencial: o ônibus de sua fabricação (foto) é sensivelmente igual ao de fabricação nacional de fato.

# NOTA ECONÔMICA

A correlação entre o mercado interno e o processo de industrialização é fenômeno conhecido da generalidade dos economistas. O próprio relatório sobre a Operação Nordeste assinala o fato de que foi "a mais rápida formação de um mercado de manufaturas de consumo geral no sul do país, que constituiu o ponto de partida do processo da industrialização".

Preconizando o desenvolvimento industrial do Nordeste, não podemos deixar de nos preocupar com os problemas de mercado que esse processo deverá enfrentar. É certo que a industrialização mesma cria mercado, mas isto não se efetua independentemente de condições estruturais. Estas condições é que, no Nordeste, dificultam e retardam qualquer processo de

ção urbana total e 31% da população urbana em idade de trabalhar. E o próprio relatório chega a reconhecer: "... a elevação da taxa de crescimento da produção industrial do Nordeste ao nível observado no Centro-Sul ainda exigiria uns dois decêntos somente para absorver o excedente de população acumulada ou em acumulação nas zonas urbanas. Descurie, a industrialização do Nordeste, mesmo que se seja grandemente intensificada, não poderá por si só transformar a estrutura econômica da região com a rapidez que as condições atuais estão a exigir".

A afirmação é bastante clara a respeito da precariedade da industrialização isolada de outras medidas essenciais.

Aqui temos um problema duplo de uma grande massa, tanto na cidade como no campo, que pouco influi sobre o mercado porque possui infimo poder de compra e o de enorme reserva de mão-de-obra tão barata que impede ou desestimula o progresso técnico.

A primeira coisa a fazer, se

não queremos o permanente e cumulativo agravamento do problema, deveria consistir em estabelecer a fonte que gera esta massa camponesa e urbana economicamente marginal. É a fonte se encontra na estrutura agrícola da região, no regime de latifúndio, de monocultura e de pecuária

conclui que "o ponto mais fraco das indústrias do Nordeste reside na própria agricultura da região".

Como desatar o processo de formação e ampliação do mercado interno? Como assegurar para as cidades o abastecimento de gêneros alimentícios e matérias-primas agri-

# ASPECTOS DA OPERAÇÃO NORDESTE (IV)

extensiva. O mal, que é constante, de todos os anos, tem as suas dimensões tremendamente ampliadas quando ocorrem secas violentas, como a do ano passado.

Outro aspecto da questão examinado pelo relatório é o da rápida elevação dos preços dos alimentos, que engendra uma tendência ao encarecimento relativo da mão-de-obra na região, diminuindo a capacidade de competição de sua indústria diante do Centro-Sul. E o relatório

coloca abundantes e a preços relativamente baratos?

O relatório preparado pelo sr. Celso Furtado propõe uma solução que não é solução, porque evita precisamente de atacar as condições estruturais. A saída apresentada consiste em eliminar da zona semi-árida a agricultura de subsistência, por ser a mais vulnerável às secas, transferindo os excedentes populacionais para os vales do Maranhão e para as margens do São Francisco, onde seriam

criadas novas áreas de produção de gêneros alimentícios.

Será indiscutivelmente útil que o governo federal interfira, de modo planejado, para organizar as correntes migratórias nordestinas, que espontaneamente já se dirigem para os vales do Maranhão e allvão engrossar os contingentes de posseiros ou de trabalhadores dos latifúndios. O mesmo se pode dizer a respeito da colonização das margens do São Francisco. A questão — omissa no relatório — é que a interferência do governo se faça explicitamente no sentido de criar núcleos agrícolas BASEADOS NA PEQUENA PROPRIEDADE, protegidos contra os latifundiários e os grileiros e dotados de créditos e assistência técnica para alcançar o pleno rendimento possível.

Por melhor, porém, que se organizem as correntes de migração e colonização, salta à vista que seria obra tremendamente custosa, muito acima dos atuais recursos brasileiros, deslocar todo o excedente populacional do Nordeste para o Maranhão, para o São Francisco ou Goiás. Se não se trata de

transformar o povo nordestino em gado humano lançado para longe, é lógico que os deslocamentos só poderão ser bastante parciais. Em qualquer hipótese, o problema não será resolvido, porque, subsistindo a atual estrutura agrícola, continuarão a se formar inevitavelmente novos e novos excedentes populacionais sem ocupação econômica, mantendo as proporções reduzidas do mercado interno existente. O simples bom-senso indica que o fundamental deveria consistir em fixar e aproveitar a massa camponesa nordestina no próprio Nordeste, em fazê-la estável e prospera, tornando-a proprietária das terras incultas ou mal cultivadas dos vales humildes da zona semi-árida e também da zona da Mata, cujo regime de latifúndio e monocultura canavieira precisa ser urgentemente modificado. Por mais que se diga que a construção de açudes fracassou na solução do problema da seca, a verdade elementar é que mesmo os açudes construídos feriam outro efeito, muito mais útil, se fossem destinados não apenas ao gado dos fazendeiros, como até agora acontece, mas

principalmente à irrigação de áreas de pequena propriedade destinadas ao cultivo agrícola.

O plano do sr. Celso Furtado não somente flanqueia estes aspectos essenciais da questão como expressamente propõe salvar o latifúndio pecuarista do Nordeste, gastando na sua pseudomodernização ainda mais verbas do governo federal. Está à vista que se trata de uma tarefa inglória e, ao assumi-la, o sr. Celso Furtado se coloca atrás mesmo de importantes forças burguesas, que já têm diante da necessidade da reforma agrícola uma atitude relativamente progressista.

Além das falhas essenciais que antes apontamos na Operação Nordeste, esta — a negação da necessidade de uma reforma da estrutura agrícola — é uma das mais essenciais. Nem por isto deixamos de assinalar as contribuições positivas que podem advir da Operação e que serão certamente apoiadas pelas forças interessadas no progresso do Nordeste, dentro da linha nacionalista de desenvolvimento independente do conjunto da economia nacional.



# AS CAUSAS DA LUTA NASSER x KASSEM

### "Nasser não percebe o rumo dos acontecimentos" — afirma o líder comunista sírio Khaled Bagdach



Um correspondente do jornal francês "L'Humanité", Gilbert Jammier, encontrou em Varsóvia, no recente III Congresso do Partido Operário Unificado da Polónia, o Secretário geral do Partido Comunista da Síria, Khaled Bagdach. Seu nome é bastante conhecido em todo o Oriente Médio como um dos mais destacados dirigentes comunistas, com um passado de lutas pela libertação dos povos árabes. Com os últimos acontecimentos do Oriente Médio, seu nome ficou em proeminência, nas páginas dos jornais e nos despachos telegráficos. Suas opiniões são autorizadas. Em vista disso, Jammier resolveu entrevistar Khaled Bagdach. Reproduzimos aqui sua entrevista.

**PERGUNTA** — Na sua opinião, qual a origem das divergências surgidas no seio do movimento de libertação

dos povos árabes no Oriente Médio?

**RESPOSTA** — O movimento de libertação nacional já conquistou várias importantes vitórias, mas ele deve continuar avançando, e, na nossa opinião, em duas direções:

- 1) Completar o Movimento, que deve abranger outros países árabes.
- 2) Consolidar a Independência daqueles que já conquistaram a liberdade.

As massas populares árabes constituem as principais forças da luta contra o imperialismo, sob um duplo lema: viver melhor e alcançar a liberdade. A classe operária e sua vanguarda comunista querem continuar neste rumo. Mas outras camadas pensam que a luta contra o imperialismo já terminou ou está prestes a cessar. Esses setores declaram

quase abertamente que é tempo de normalizar as relações com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, porque, afirmam, estes dois países modificaram sua política e supostamente reconheceriam a independência árabe. Explicam esta política dizendo que não se encontram nem com Leste nem com Oeste e colocam num mesmo plano a União Soviética e os países imperialistas.

Na nossa opinião, esta é uma política míope e sem futuro. Aquêles que acreditam que o imperialismo americano vai renunciar a suas concessões petrolíferas no Oriente Médio, se alimentam de ilusões.

**CONCEPÇÕES DIVERGENTES SOBRE A UNIDADE ÁRABE**

**PERGUNTA** — Qual a significação destas contradições

no que se refere à unidade Árabe?

**RESPOSTA** — A alta burguesia e sobretudo a alta finança egípcia, simbolizada pelo Banco do Egito, quer realizar a unidade árabe de acordo com seus interesses de classe. Isto coincide com as tendências personalistas de certos dirigentes árabes, como Nasser. Na realidade, a grande burguesia não quer a unidade dos países árabes em bases sólidas, anti-imperialistas e populares; quer um modelo de acordo com seu gosto.

A idéia da unidade árabe decorre de uma realidade objetiva, a comunidade de língua dos povos árabes, sua história, sua cultura comum. É igualmente indiscutível que os países do Oriente Árabe têm uma comunidade territorial

O movimento pela unidade árabe se desenvolve na luta contra o imperialismo. Apenas não se pode ignorar o fato de que cada país árabe tem sua evolução especial e que o desenvolvimento histórico contribuiu para estabelecer certas condições objetivas que não podemos deixar de tomar em consideração. Assim, por exemplo, do ponto-de-vista econômico e das conquistas sociais, a tradição democrática, como quanto ao nível de vida, existe uma profunda diferença entre a situação do Egito e da Síria. O salário médio de um operário sírio é em geral duas a três vezes mais elevado do que o de um operário egípcio.

**A POSIÇÃO DOS COMUNISTAS**

**PERGUNTA** — Qual a posição dos comunistas sírios quanto a este problema?

**RESPOSTA** — Quando nós, comunistas sírios, votamos em favor da unidade da Síria com o Egito, salientamos este fato e exigimos que ele fosse levado em conta na organização do Estado quanto à província Síria. A experiência provou que tinha os mesmos motivos. Depois de um ano de união com o Egito, a situação da Síria é confusa e não se conseguiu a organização a vida econômica e política, porquanto se obstinam em reconhecer os fatos. As tentativas efetuadas para unificar alguns domínios econômicos, jurídicos ou sindicais não deram resultado. Nesta base, sobre a experiência adquirida no curso de um ano da unificação, nosso Partido apresentou uma plataforma política de 13 pontos que, na nossa opinião, é a única saída para a situação difícil e perigosa que atravessa a República Árabe Unida.

**PERGUNTA** — Os acontecimentos tomam outro rumo no Iraque?

**RESPOSTA** — O povo iraquiano tirou lições da união entre o Egito e a Síria, caracterizada pela regressão econômica, a estagnação do comércio, o atraso da industrialização, a paralisação quase total das construções (bastante intensa antes), o desemprego, a carestia de vida, além dos atentados à liberdade.

Oitenta por cento dos jornais (na RAU) foram suprimidos e os demais estão submetidos à censura mais severa. Foram dissolvidos os conselhos sindicais operários e, de maneira geral, os mais elementares direitos do indivíduo não são respeitados, multiplicam-se as prisões arbitrárias de militantes sindicais, operários, camponeses, intelectuais. Tudo isto levou o povo do Iraque a resistir de maneira violenta às tentativas de transformação de seu país em terceira província da República Árabe Unida.

Em lugar de discutir entre os representantes dos povos libertados, de constituir etapas para a unificação árabe, como querem todos os patriotas e os democratas, procedeu-se a tentativas de organização de rebeliões armadas contra a República iraquense. No curso dessas tentativas é inevitável ter havido e haver conjugação entre certos meios da RAU, de elementos mais reacionários do Iraque e elementos imperialistas. É isto o que se pretende ocultar com a campanha anti-comunista que se desenvolve neste momento.

**NASSER ESTÁ ERRADO**

**PERGUNTA** — Qual sua opinião sobre a unificação Árabe?

**RESPOSTA** — A unidade árabe não pode realizar-se senão por vias democráticas e à base do desenvolvimento econômico e cultural de cada país árabe, do respeito as particularidades criadas pela história. O principal inimigo é e continuará sendo ainda durante todo um período o imperialismo sobretudo o imperialismo norte-americano. Por consequência, o elemento mais valioso na luta contra este imperialismo é a

solidariedade dos povos árabes. A política dos círculos dirigentes da República Árabe Unida conduz, como vimos, à destruição desta solidariedade. São principalmente os imperialistas americanos que se regozijam com a união entre o Iraque e a República Árabe Unida, com as dificuldades econômicas e outras surgidas nas relações entre as províncias egípcia e síria. Os círculos ocidentais tentam utilizar toda esta situação para destruir as relações de amizade estabelecidas entre os países árabes e a União Soviética. Isto não é fácil, porque estas camadas da população, sem distinção de tendências, são fiéis às tradições árabe de unidade e reconstrução. A amizade com a União Soviética é como uma corrente que arrastará toda a que se lhe tentar opor. Não se pode, entretanto, salvar-se a "comunidade" e marchar na restauração econômica e na supressão dos vestígios do colonialismo de outra forma senão à base da unidade árabe com a União Soviética e todo o campo socialista.

Creio que a campanha anti-comunista não poderá enlutar as massas árabes. Até agora, ela está limitada estreitamente a alguns homens políticos e a alguns círculos reacionários. Nasser não tem razão. Ele não percebe o rumo do desenvolvimento histórico nem no Oriente Árabe nem no mundo. Ele se deu nome a uma causa perdida.

## A POLITICA MAIS REVOLUCIONARIA: APOIO À DEMOCRACIA DIRIGIDA

D. N. AIDIT

N. da R. — Damos a seguir um trecho de artigo do secretário geral do Partido Comunista da Indonésia, Aidit, no qual examina a posição do PC indonésio em relação à Democracia Dirigida do Presidente Sukarno.

Desejaria, em primeiro lugar, tornar bem claro que o apoio dado pelo Partido Comunista da Indonésia à idéia da Democracia Dirigida não é apenas uma formalidade porque o autor dessa idéia seja o Presidente Sukarno, mas se origina de convicção política cuidadosamente pensada.



A democracia liberal já foi submetida à comprovação da prática na vida política da Indonésia e se constatou que esse sistema — fracassado tanto histórica quanto internacionalmente — também não serve para resolver os vários e importantes problemas que se apresentam ao povo indonésio. Este verificou por si mesmo que esse sistema tem como elementos inerentes a corrupção e a burocracia, e por isso não o aprova e a ele se opõe.

Depois de verificar que a democracia liberal já não lhes serve para atingirem seus próprios objetivos, os reacionários da extrema direita há muito se esforçam por ocultar a bancarrota desse sistema e tentam chegar ao poder por meios extraparlamentares, com a finalidade de estabelecer um sistema fascista de governo por meio de uma junta militar. Quando essas tentativas fracassaram no centro, procuraram valer-se de vários líderes militares em certas regiões para empalmar o poder local como meio de levar o governo central à rendição.

O processo pelo qual o sistema democrático liberal fracassou perante o povo indonésio não ocorreu em circunstâncias em que a correlação de forças entre o povo, os imperialistas e os donos de terra possibilitassem ao povo indonésio superar a crise política pela instauração do poder popular, um poder político em que

a completa soberania pertence ao povo e em que os inimigos do povo estão totalmente privado de direitos políticos.

É nessas circunstâncias que a idéia do presidente Sukarno de Democracia Dirigida assume grande importância. O Partido Comunista da Indonésia aceita-a, compreendendo que estamos aceitando a democracia e que esta não é a democracia liberal. O lado positivo da Democracia Dirigida é ser contra a ditadura militar e a ditadura unipessoal ao mesmo tempo em que é contra o liberalismo. O antiliberalismo em política não significa senão a realização 100% do conceito do presidente Sukarno, isto é, a formação de um gabinete "Gotong Royong" (Unitário) baseado na representação dos partidos no parlamento. O antiliberalismo em eco-

nomia não pode ser senão o liberalismo que não permita liberdade absoluta às forças espontâneas do mercado capitalista, o que implica em dar prioridade ao setor estatal, que dirigirá o setor privado. Os aspectos positivos da Democracia Dirigida devem ser ampliados e devem visar à realização 100% do conceito do presidente Sukarno. A Democracia Dirigida e o conceito do presidente Sukarno formam um todo único, a primeira sendo o instrumento de realização do segundo.

Há, naturalmente, os que perguntam: quem guiará a Democracia Dirigida? O presidente Sukarno (Bung Karno) é, a meu ver, quem deve governá-la, não como ditador e sim como democrata que respeita o sistema partidário e os direitos do parlamento e que acabe, de maneira consequente, com os aspectos liberais da democracia parlamentar. Certos direitos devem ser outorgados ao presidente Sukarno como líder e executor da Democracia Dirigida para conseguirmos que esta funcione realmente, porque se não for assim, não passará de um amontoado de absurdos.

## MACHADO DE ASSIS EM POLONES

O interesse pela literatura brasileira nos países da Europa não se limita a alguns autores contemporâneos, mas alcança também os clássicos, especialmente Castro Alves e Machado de Assis. Notícias da Polónia dão conta que a editora varsóvia Czeleńsk aceita para breve publicação o texto do romance "Dom Casmurro", de Machado de Assis, em

versão direta do português feita pela sra. Janina Wrzosek, esposa do antigo ministro da Polónia no Brasil. A sra. Wrzosek, estudiosa da literatura brasileira e responsável igualmente pela versão polonesa de outras obras de nossa literatura, recebeu o volume de Machado de Assis através da seção cultural da representação diplomática polonesa no Rio.

# DO PC ESPANHOL: O CARÁTER PACÍFICO DA LUTA CONTRA FRANCO

Em editorial recente (1º de março) o jornal "Mundo Obrero", órgão central do Partido Comunista da Espanha, referia-se aos novos rumores de que Franco estaria pronto a deixar o poder voluntariamente. O jornal mostrava a falta de fundamento de tais rumores, e acrescentava:

"A luta das massas populares contra a ditadura deve e deve revestir caráter pacífico. Por caráter pacífico entendemos que, dada a amplitude da oposição e a precariedade do poder ditatorial, não é necessário recorrer à insurreição armada, à violência sangrenta. A luta das massas populares pode assumir e está assumindo paulatinamente formas mais elevadas e combativas, sem chegar à ação armada: as greves, manifestações, boicotes, reivindicações e protestos de toda sorte, que devem ir abrangendo a todas as classes e camadas antifranquistas. Este é o caminho através do qual se podem criar no país, num processo relativamente rápido, as condições para uma transformação política democrática.

A luta das massas populares, em formas cada dia mais elevadas, é a principal arma com que conta a oposição para derrubar o regime atual. Equivocam-se os políticos burgueses que pensam que seu papel se reduz a escrever um manifesto ou pronunciar discurso e esperar que o ditador os encarecer para adquirir popularidade, ou que o exército e o povo, automaticamente, os chamem para tomar conta do poder.

Se esses políticos, qualquer que seja a sua importância, querem realmente mudanças, necessitam entrar em contato com os partidos e organizações populares, estabelecer compromissos que possam ser satisfeitos pelas diversas forças interessadas na extinção da ditadura, concertar planos e participar da organização metódica e conjunta da atividade e da luta das diferentes classes e camadas antifranquistas.

O povo espanhol necessita, sem dúvida, ganhar a solidariedade moral e o apoio da maior parte das forças armadas. Estas, em grande proporção, estão hoje profundamente descontentes com a ditadura. Mas, para se decidirem a retirar-lhes o apoio, é necessário que vejam, que apalpem a existência de uma força popular atuante, decidida a mudar a situação. Hoje, entre as forças armadas, não há ambiente para um "putch", mas há desejo de que a situação se modifique. Pensar que as forças armadas vão embarcar numa aventura putchista para substituir don Paco por don Juan é uma quimera. O que se pode esperar dessas forças é que retirem seu apoio à ditadura, mas para decidir-se a fazê-lo necessitam do impulso da luta do povo.

Também seria decisivo, para ganhar seu apoio, a criação de uma coalizão política, com força e apoio popular suficientes para garantir a transição pacífica da ditadura à democracia. Tal coalizão seria ineficaz sem a presença nela da classe operária e de seu representante, o Partido Comunista.

Isto significa que a base para uma mudança da situação se encontra na luta das massas populares e na unidade das forças antifranquistas.

Nestes dias recebemos abundantes testemunhos de que assim pensam, juntamente com o Partido Comunista, outros grupos políticos internos. Ao constatar este fato, nós comunistas devemos redobrar nossos esforços pela unidade com todas as forças antifranquistas: unidade pela cúpula, pela base, pelo meio.



O tirano Franco

## Mesa-Redonda Contra a Carestia

Promovida pela Associação dos locatários do conjunto residencial do IAPI do Realejo, realizou-se no domingo último, na sede do C. R. I. R., naquela localidade, uma mesa-redonda para debater os problemas da carestia da vida e os meios de combatê-la. O ato esteve

bastante concorrido, participando numerosos dirigentes de organizações populares e o representante local da seção de habitação da COFAP. Foi aprovado um memorial a ser enviado ao Presidente da República, solicitando a adoção de medidas efetivas para barrar a elevação do custo da vida.

# E' NECESSÁRIO O PARTIDO COMUNISTA?



## A VITÓRIA COMPLETA E DEFINITIVA DO SOCIALISMO

"O movimento comunista formulava e discutia até há pouco tempo o problema da possibilidade da edificação do socialismo em um só país a despeito de sua vitória plena e definitiva."

Quando o novo sovietismo iniciava a construção socialista e o seu caminho se perdia para muitas incertezas do futuro. Lenin descobriu claros e amplos horizontes. Disse Lenin que possuíamos "todo o indispensável para edificar a sociedade socialista completa." (Obras I, 33, p. 128). Orientando-se invariavelmente pelas indicações de Lenin e inspirado pelo Partido Comunista, o povo soviético, apesar do constante perigo de agressão armada por parte dos Estados capitalistas, construiu com firmeza a sociedade socialista, avançou por caminhos inexplorados e alcançou a vitória completa do socialismo em nosso país.

Mas essa vitória não era ainda definitiva. Os marxistas acreditam por vitória definitiva do socialismo a sua vitória em escala internacional. Depois de construir o socialismo o nosso país foi, durante muito tempo, o único país socialista do mundo e se achava em meio ao cerco capitalista hostil. Não podia considerarse a salvo de uma intervenção militar nem do perigo de uma restauração violenta do capitalismo pela reação internacional. Os Estados capitalistas que cercavam então o país do socialismo, levaram-lhe enorme vantagem, tanto economicamente como do ponto-de-vista militar.

Hoje a situação mundial mudou-se radicalmente. A luta há o cerco capitalista em torno do nosso país. Existem hoje dois sistemas sociais mundiais: o capitalismo em estado de crise e o socialismo pleno de crescente vitalidade e contando com a simpatia dos trabalhadores de todos os países.

A União Soviética, assim como os demais Estados socialistas, não está livre de uma possível agressão dos Estados imperialistas. Mas a correlação de forças reais e hoje tal no mundo que podemos rebater qualquer agressão de qualquer inimigo.

Não existe hoje força no mundo capaz de restaurar o capitalismo em nosso país e de esmagar o campo socialista. O perigo de restauração do capitalismo na União Soviética está excluindo. Isto quer dizer que o socialismo triunfou não só por completo mas definitivamente.

Assim, podemos considerar que o problema da edificação do socialismo em um só país, de seu triunfo absoluto e definitivo foi resolvido pelo desenvolvimento histórico da sociedade em escala mundial.

A vitória do socialismo na URSS e a criação do sistema socialista mundial fortaleceram, impulsionaram o movimento operário internacional e lhe abrem novas perspectivas. Realiza-se a genial previsão científica feita por Vladimir Ilitch Lenin em seu último trabalho "O desenvolvimento da luta = diz Lenin = depende em definitivo da luta que se trava na Índia, na China etc. constituem a maioria numérica da população. E precisamente esta maioria numérica da população que se incorpora nos últimos anos, com rapidez, a luta por sua libertação e liberdade que neste sentido não pode haver nem sombra de dúvida quanto ao desenvolvimento definitivo da luta mundial. Neste sentido a vitória definitiva do socialismo está plena e absolutamente assegurada." (Obras I, 33, p. 45).

N. S. KRUSHCHEV, Informe ao XXI Congresso da URSS.

A experiência da União Soviética, da China e demais países socialistas confirma que a classe operária só pode lutar com êxito pelo poder e construir o socialismo se for dirigida pelo partido revolucionário do proletariado — o Partido Comunista.

O Partido Comunista é a organização de que necessita o proletariado para executar a política que corresponde aos seus interesses de classe. A existência do Partido Comunista não é, em absoluto, um fenômeno artificial, não resulta dos desejos arbitrários de quem quer que seja. O Partido Comunista surge como necessidade histórica, como resultado normal e inevitável da própria desenvolvimento capitalista no país, o qual fez aparecer o proletariado, tornando-o cada vez mais numeroso e concentrado.

Há quem alimente a ideia de que, num país sub-desenvolvido, onde o objetivo revolucionário imediato é a libertação nacional da dependência estrangeira, torna-se desnecessária a existência do Partido Comunista. Partindo da compreensão de que o movimento nacionalista, isto é, a frente única de todas as forças sociais interessadas na emancipação do país, constitui a vanguarda política do povo brasileiro, algumas pessoas afirmam que os operários não teriam necessidade de criar e desenvolver sua própria organização política de classe. Essa tese reflete o ponto-de-vista de setores nacionalistas burgueses e pequeno-burgueses. É uma tese subjetivista e anticientífica, marcada pela estreiteza de vistas daquelas camadas sociais, que não podem admitir os interesses objetivos, de classe, que servem de fundamento real, historicamente necessário, à existência do Partido Comunista. Compreende-se que elementos nacionalistas idealologicamente ligados à burguesia e à pequena burguesia espousem aquela tese. Ela corresponde precisamente às aspirações das camadas que temem a ação independente das massas trabalhadoras. O que não se pode admitir, porém, é que ela tenha curso entre pessoas que se dizem socialistas e marxistas.

Se a frente única nacionalista e democrática encarna os interesses políticos GERAIS do povo brasileiro, o Partido Comunista, que também defende esses interesses e faz parte dessa frente única, não pode deixar de existir e atuar como representante dos interesses ESPECÍFICOS de classe do proletariado que, além das transformações antiimperialistas e democráticas, visa chegar ao socialismo e à sociedade sem classes. Ao participar da frente única, o proletariado o faz como a força mais progressista da sociedade, como o defensor dos interesses gerais da nação, de sua independência e de seu progresso. O proletariado, como a força revolucionária conseqüente, procura conduzir e orientar a luta pela emancipação nacional a fim de anular a influência das vacilações da burguesia e da pequena burguesia. Para tanto, é indispensável que a classe operária conserve dentro da frente única sua independência ideológica, política e organizativa. Esta independência é inconcebível sem que exista um Partido Comunista, uma vanguarda consciente e organizada da classe operária, guiada pela teoria marxista-leninista e vinculada por múltiplos laços às massas do proletariado.

O reconhecimento da necessidade da existência do Partido Comunista não esgota, porém, a questão de seu papel histórico. Nas próprias fileiras do movimento comunista brasileiro prevaleceu, durante longo período, uma concepção antiimperialista do Partido, considerado como uma seita, como um pequeno grupo de heróis que deve ser fatalmente obediência pelas massas, como organização que se basta a si mesma e que pode resolver suas tarefas históricas sem o curso da verdadeira ação de massas.

Como a prática já comprovou, esta concepção atrasada — própria dos estágios mais primitivos do movimento comunista — contribuiu para o afastamento de muitos quadros do trabalho de massas da ação política em contato direto com o povo. É incalculável o prejuízo que isto causou ao movimento comunista, reduzindo a influência de muitos de seus líderes e impedindo que, à exceção de pequeno número, surgissem novos líderes comunistas de massas.

É absolutamente indispensável erradicar das fileiras comunistas a concepção de seita, uma vez que ela se opõe, como afirma a Declaração Política de março de 1950, ao próprio caráter da missão que os comunistas têm a cumprir. Sejam quais forem as condições de luta, mesmo nas circunstâncias de penosa ilegalidade, a frente da classe operária deve estar um Partido que saiba dirigir a luta pelos objetivos revolucionários na ação política corante, diária, determinada pelas próprias exigências do movimento real das massas, das classes e das forças políticas. O marxismo-leninismo ensina que os vanguardistas mais abnegados não realizam no plano histórico se não ganharem o apoio das massas de milhões.

Nas condições atuais da vida nacional existem imensas possibilidades para a atuação legal dos comunistas. A atuação legal, diária, paciente e contínua dentro das organizações de massas, é que os homens e mulheres de vanguarda precisam dedicar o fundamen-

tal de suas energias, reduzindo ao estritamente indispensável o tempo requerido pelos problemas internos do movimento comunista.

Ao considerar o papel histórico do Partido Comunista, não é suficiente, portanto, afirmar a necessidade de sua existência. Para que o Partido Comunista exista realmente e cumpra sua missão de vanguarda, não pode constituir uma seita isolada das massas. Há de ser uma força política viva e atuante, ligada por milhares de vínculos ao movimento da classe operária, às lutas nacionalistas, a todas as camadas do povo.

## Encerrou-se o XXVI Congresso do PC da Grã-Bretanha

Encerrou-se a 30 de março, em Londres, o vicessexagésimo Congresso do Partido Comunista da Grã-Bretanha.

O informe político foi apresentado por John Gollan e houve discussão participaram 96 pessoas.

As resoluções do Congresso salientam a questão das fileiras do Partido no combate em todas as frentes revolucionárias e seu fortalecimento nos últimos tempos.

Gollan mostrou que as vitórias da classe operária britânica, tanto no presente como no futuro, estão condicionadas à sua unidade de ação, a qual o Partido Comunista considera sua tarefa principal. Finalizou o seu informe político com uma brilhante expressão: Representantes de numerosos partidos ingleses, entre os quais do PCUS e do PC da China, estiveram presentes ao Congresso.

A resolução votada pelo Congresso do PC britânico expressa a solidariedade dos trabalhadores ingleses à luta dos povos da África por sua libertação, particularmente ao povo da Namíbia.

O encerramento dos trabalhos do XXVI Congresso dos comunistas da Grã-Bretanha foi feito pelo veterano líder da classe operária Harry Pollitt. O Congresso, disse Pollitt, ajudou-nos a compreender melhor a situação econômica no mundo, indicando as formas de luta contra as crises, contra as ameaças de guerra, pela proibição das experiências atômicas, pelo fortalecimento da unidade de ação dos trabalhadores ingleses.

Pollitt acrescentou que o Congresso, como todos os congressos ingleses, foram inspirados pelos resultados do XXI Congresso do Partido Comunista da União Soviética, o qual abriu uma nova etapa na história mundial. O povo soviético apresentou — iniciou a construção do socialismo no comunismo avançado a realização dos sonhos séculos dos promotores do movimento operário. Estamos, concluiu, — dispostos a executar os planos sociais do sétimo de 1959 a 1965 transformando o mundo e constituindo um exemplo a todos os povos. Pollitt explicou seu discurso com vistas a paz ao Partido Comunista da Grã-Bretanha, ao comunismo.

O Congresso aprovou unanimemente a resolução política, aprovando a linha geral do Partido. Confirmou os Estatutos do Partido e elegeram o novo Comitê Executivo e outros órgãos dirigentes.

## BARBARO CRIME NA SIRIA MORTO SOB TORTURAS UM MEMBRO DO P.C.S.

Um bárbaro crime foi praticado na Síria, com todos os requintes de selvagem, sacrificando a vida de um patriota Said Drubi, conhecido militante revolucionário. Said Drubi foi preso a 10 de fevereiro pelas autoridades da província síria da República Árabe Unida, juntamente com 5 operários. Logo naquela data, os parentes de Said Drubi começaram a procurar notícias suas.

No dia 14 de fevereiro, sábado, os habitantes da cidade de Hama discutiram a situação local e comentavam o manifesto distribuído pelo Partido Comunista sobre as causas da campanha de histerismo desencadeada pelas autoridades da RAU contra patriotas honestos, contra líderes operários e combatentes da paz.

Sentada junto a seu marido, a mãe de Said ouviu bateram à porta. Abre — lançam-lhe aos pés o cadáver de seu filho.

Alguns momentos mais tarde, milhares de pessoas se aglomeraram em frente à casa do jovem mártir.

A indignação vale em todo o mundo. A multidão, dentro em pouco totaliza 25 000 pessoas. E serão elas que, em massa, acompanharão ao túmulo, entre protestos e lágrimas, o cadáver de Said Drubi.

Junto ao seu túmulo, não obstante o terror policial desencadeado, onseve a voz do Partido Comunista

do Síria: um militante comunista leva em seu nome. «Camada de luta! — exclama. — Ele, ignoram que nova bandeira está desfraldada e é eterna. Todos os que se têm sucedido no poder não puderam tocá-la, fosse o miserável colonialista, ou o pequeno ditador, ou o traidor servil.

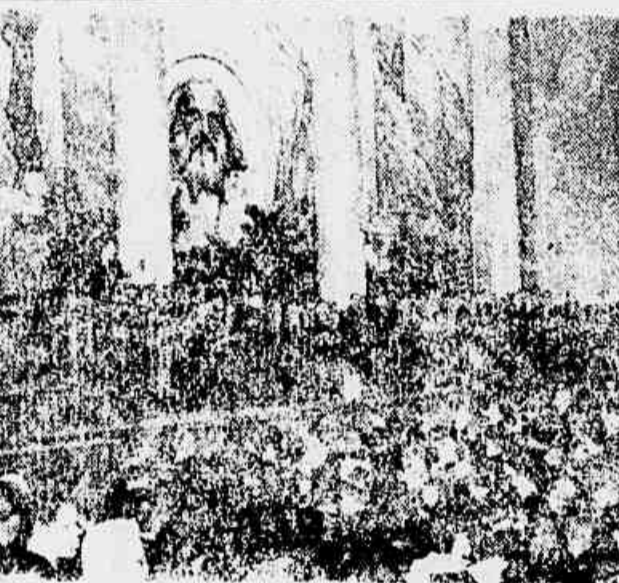
Cada um sabe, por experiência própria, que a nova bandeira é a bandeira da liberdade patriótica, a bandeira do verdadeiro nacionalismo, a bandeira da defesa das autênticas reivindicações populares.

Todos sabem que nossa bandeira jamais foi arrastada, mas nos o esqueceram, como esqueceram as lições da história.

O orador lembrou a atividade revolucionária de Said Drubi durante sua curta vida. Mestre-escola, ensinou também o patriotismo aos homens na e fora da luta contra o colonialismo e contra os seus lacaios, autôcratas e modernos.

Os manifestantes deram vivas ao Partido Comunista Síria e a seu querido líder Khaled Daydash. E exclamaram: «Morte aos assassinos de Said Drubi!»

Essas notícias foram reveladas a 18 de fevereiro pelo jornal "An Nida", de Beirute, em grandes títulos — «Um crime bárbaro contra a Pátria e a Humanidade nas prisões da Síria. O membro do Partido Comunista Said Drubi, morto nos cárceres das "investigações" criminais depois de cinco dias de torturas».



## CONGRESSO DE QUÍMICA NA URSS

Mais de duas mil pessoas compareceram ao VIII Congresso de Química Geral e Aplicada em homenagem ao famoso sábio russo Mendelêev. Esse Congresso se instalou em Moscou a 16 de março e contou com a presença de representantes das ciências químicas de 19 países. Vemos aqui parte da assembleia e da mesa que presidiu nos trabalhos, na sala de conferências da Universidade de Moscou.

## HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO

O desenvolvimento cartista levou desde o início consideráveis massas operárias em um movimento em 1848 em Londres e Manchester, resultando em grandes conquistas e trabalhos. Iniciou um comprometimento de até 200.000 pessoas. A luta cartista desenvolveu-se em três etapas. A primeira etapa ocorreu no campo do movimento em 1840, com a publicação da Carta, em 18 de maio de 1840. Ela foi a primeira declaração política, as condições de trabalho a ser exigidas. A Carta foi aprovada no Parlamento na sua primeira sessão em 1840. Ela foi aprovada no Parlamento em 1840. Ela foi aprovada no Parlamento em 1840.

Os cartistas revolucionários deram uma conferência em Manchester, na qual fundaram a Associação Nacional dos Cartistas. Era um partido político independente de oposição aos operários, artesãos e outros camadas pobres, uma organização que se organizava em listas locais adreções, cujas listas locais adreções, o que se revelava insucesso no fato de que cada membro da Associação devia pagar uma taxa mensal. Em maio de 1842, o II Congresso Nacional cartista lançou nova proposta que era um passo a mais na luta pela liberdade de imprensa. Mas não foi aceita.

## AS TRÊS ETAPAS DO MOVIMENTO CARTISTA

Os operários foram a favor de que chamavam de "Mes sagrado". Entretanto, devido às debilidades e hesitações do movimento cartista, a greve geral não se realizou em todas as regiões do Reino Unido. A Inglaterra e o governo foram a favor da desobediência por parte dos operários. A primeira e última etapa

do movimento se inicia com o ano de 1848 em situação de desastre, agravada pela restauração da economia inglesa que então teve lugar. Só a partir de 1846 as massas voltaram a pôr-se em franca atividade. O ano de 1847 e a situação de todas as regiões do Reino Unido foram a favor da mobilização do proletariado em torno das reivindicações econômicas e políticas cartistas.

O movimento atinge então o seu maior auge e desenvolve-se em 1848 sob a influência de uma crise industrial na Inglaterra e da revolução burguesa, a greve geral não se realizou em todas as regiões do Reino Unido. A Inglaterra e o governo foram a favor da desobediência por parte dos operários.

A terceira e última etapa

"força moral" e a do partido da "força física". Os primeiros com Lovett a frente, com seu principal apoio nos artesãos de Londres, foram contrários ao emprego de força material como meio de luta. Esse "partido" era também chamado — pela outra tendência, e claro — de "partido da água de flor". Os partidários da "força física", apelados pelas massas operárias das regiões do norte da Inglaterra, tinham como chefe a O'Connor, O'Brien, John Gurney. O primeiro, redator-chefe do jornal cartista "Estrela Polar", era homem de elevada estatura, forte como um touro e dotado de um vocabulário daqueles... O outro, muito popular, inflamava a multidão com seus vibrantes discursos, nos quais mostrava que, espatoados os meios pacíficos, era preciso recorrer à violência. E prometia que no momento oportuno chamaria os cartistas para a ação definitiva. Na verdade eram Gurney, John e alguns outros os chefes que representavam com mais conseqüência o "partido da força física". Gurney, por exemplo, escreveu: "A verdade é que se há um caminho a subseqüente".

Por fim, reconheceram como válidas apenas 1.200.000 assinaturas e rechaçaram, entristos e chalicados, a petição e com ela, a Carta. Depois veio a repressão do governo sobre todo o movimento.

O movimento cartista findou com a derrota de seus objetivos fundamentais, mas nem por isso deixou de produzir importantes resultados, não só para a educação política da classe operária, como também do ponto-de-vista mediado da melhoria de suas condições de vida. Em 1842, o parlamento votou uma lei proibindo o trabalho das mulheres e crianças nas minas. Em 1844, foi reduzido a 6 horas e meia o trabalho dos menores de 13 anos. Finalmente, em 1847, foi promulgada a lei das 10 horas, que entrou em vigor em 1.º de maio de 1848. Mas nesse mesmo ano de 1848 dava-se um fato de inavaliável importância para o movimento operário: o lançamento do "Manifesto do Partido Comunista", de Marx e Engels, e, com ele, o surgimento na arena da luta de classes do socialismo científico, a revolucionária teoria política revolucionária do proletariado que será objeto de nossa atenção nos próximos capítulos.



# CINEMA CINEMANIA

BARAO DE ITARAKE

## SÉCULO DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA

*Estamos no século da "ciência e da técnica". Cientistas e técnicos são, agora, os donos da bola.*

*Sem Garrincha, não saberíamos jogar. Sem Feola, não seríamos campeões.*

*Cientista é o indivíduo que se dedica à ciência, estudando as leis da natureza e traçando planos para aplicar esses conhecimentos técnicos na construção de objetos de utilidade. Ciência, sem aplicação prática, pode ser uma tempestade cerebral ou devaneio poético, tudo o que quiserem, menos ciência.*

*O técnico é o sujeito capaz de pôr à prova a sua inteligência e exercitar a sua habilidade, para compreender a descoberta do cientista e transformá-la em realidade. Técnico é a possibilidade de transformar uma orelha de porco numa bolsa de sêdo.*

*Qualquer torcedor do Flamengo, por exemplo, pode compreender que este mundo é uma bola que está rolando no campo sideral. E, se meditar mais um pouco, verificará que os astrônomos são os técnicos que querem saber, pelo menos, para início de conversa:*

1. — Quem fez a bola? 2. — Como a fez? 3. — Quem a chutou no campo astral? 4. — Que direção leva a bola e qual a sua meta?

*Verificará ainda que os físicos são os técnicos que se preocupam com a forma da bola, com seu tamanho, com seu estado, sua temperatura, densidade, cor, peso e conteúdo. Os químicos são os técnicos que investigam os elementos simples que formam a bola e naturalmente tudo o que se encontra na bola. Os biólogos encarregam-se de verificar como e em que condições podem viver animais ou plantas, que se encontram não só sobre a terra ou debaixo d'água, mas também dentro da terra*

## GOVERNAR É CHUTAR EM GOL

O torcedor do Flamengo, por conta própria, como autodidata, chega à conclusão que governar um país é uma arte tão fácil como a de jogar futebol.

O dr. JK poderia, como qualquer perna-de-pau, entrar

numa pelada, da mesma forma que Pelé ou Garrincha estariam em condições de assumir o cargo de Presidente da República, se isto aqui fosse realmente república.

— Qual é a finalidade de JK no gover-

*que está cheia de milhões, justamente como um noca, que também é outra bola e, às vezes, do outro mundo.*

*Assim, com um simples jogo de cabeça, a la Baltazar, o torcedor de futebol pode atingir, com bons convuls, os altos planos da sociologia. Evidentemente se se limitar a pensar por conta própria, sem dar importância aos outros torcedores e aos gritos alucinantes da torcida contrária, em vez de conclusões exatas, conseguirá apenas apunhar algumas das ninhocas, que estão povoando o seu cérebro. Mas se fizer as suas observações repetidamente, sempre confirmadas ou desmentidas pela experiência, estará fazendo socialismo científico, que o levará à concepção de uma organização relativamente perfeita para os nossos condições atuais de vida.*

Como vemos, JK quer realizar metas. Pelé quer fazer gols. Mas gol e meta são duas palavras diferentes para exprimir a mesma coisa, o mesmo objetivo, a mesma meta.

## GOL E META

De fato, quando o campeão faz um gol, atinge a meta. Quando JK atinge a meta, faz um gol.

Aliás, até os cronistas esportivos sabem que a palavra gol é oriunda do inglês goal, que significa justamente meta, fim, objetivo, intenção. Gol, portanto, para os puristas do idioma, não é bem português, pois é um anglicismo esmeralhado. Como, porém, a língua inglesa é também a língua oficial dos norte-americanos, podemos dizer que a palavra "gol" é uma expressão anglo-americanizada, encaixada nos pontos do dicionário da língua portuguesa.

Não admira, portanto, que o jogo de futebol esteja transformado numa arma política e o jogo da política numa verdadeira doido futebol.

O povo, que paga entrada e ocupa os melhores lugares, já compreendeu que a diretoria do clube nacional já não dá no conto.

O dr. JK, em vez de desenvolver um jogo de equipe, com os elementos da casa, que são muito bons, está escalando jogadores que, em vez de chutar para a frente, engolem frangos, ou comem bola, vazando a nossa própria cidade.

Em vão o jogador grita: "Góóó...óóó!!" e o Dr. JK anuncia mais uma meta, o público das gerais já compreendeu que o único ganhador nesse jogo é o clube estrangeiro, que se aboletou no nosso gramado e carrega para fora toda a renda.

Nas gerais o descontentamento é geral. O policiamento está dobrado, para evitar a invasão do campo. Agora, cá para nós, o juiz é mesmo ladrão.

# RENOVADOR DA COMÉDIA

GENNYSON AZEVEDO

**FOI** no Festival de Cannes, do ano passado, que assisti pela primeira vez a MON ONCLE (Men Tio), comédia escrita, dirigida, interpretada e produzida por Jacques Tati. A fita agradou em cheio merecendo um prêmio especial do Júri, só não ganhando a palma de ouro porque havia um concorrente sério, o dramático QUANDO PASSAM AS UGONIAS.

No dia seguinte, estávamos frente a frente com Jacques Tati no Palácio dos Festivais para uma entrevista coletiva. O ator-diretor-produtor-patologista respondeu a todas as perguntas fazendo e representando como se estivesse num show. Durante a entrevista a riso foi uma constante numa espécie de continuação do espetáculo da noite precedente.

Agora, quase um ano depois, acabo de rever o filme de Tati numa pré-estreia premocida pela Embaixada

de França. Mais uma vez tornei a rir com as perspectivas de M. Hulot e seu sobrinho, nesta deliciosa sátira ao "esnobismo" que caracteriza certas camadas da gente endinheirada. O humor deste comediógrafo francês é um individualismo renovador, criando seu estilo e um personagem perfeitamente definido a semelhança de Carlitos. Nos dois primeiros trabalhos que se realizaram — CARROSSEL DA ESPERANÇA (Jour de Fête) e AS FERAS DO SR. HULOT (des vacances de M. Hulot) — já existia a originalidade como preocupação principal. No segundo aparece um herói devidamente batizado e caracterizado — M. Hulot.

MON ONCLE, traz de volta a comédia maldito nos mesmos traços (chapeu, gravata borboleta, capa impermeável muito curta), sempre acompanhado do cachimbo e com as maneiras invulgares de Hulot. Ao mesmo tempo que se afirma o personagem, aprofunda-se o estilo burlesco, desta vez mais irônico, na sua crítica ao artificialismo de uma vida medida exclusivamente pelos bens materiais possuídos, onde progresso transforma-se em sinônimo de tobo. Com isto Tati consegue cidadania, em definitivo, para si e para seu herói no turbulento mundo da comédia cinematográfica.

SEM abandonar a linha de simplicidade das películas anteriores, MEU TIO continua a capacidade inventiva do cineasta com uma nova série de piadas e situações hilariantes. Desta vez Hulot, o homem simples e comunicativo, é lin de um garoto triste porque aprisionado num moderníssimo palácio. Em contacto com o tio, que o apanha à saída da escola, o menino recobra a alegria nas brincadeiras com os outros garos, na liberdade de poder comer os doces que quiser, de correr e pular.

A casa dos Arpel é luxuosa e fica num bairro elegante. Hulot habita um quarto de terceiro andar, num velho prédio de um quarteirão modesto. Os Arpel são ricos. O tio e pobre, mas rico em bom humor. Apesar de tudo, o quarteirão popular e bem mais alegre do que o bairro moderno, as pessoas se olham, discutem, trocam cumprimentos, riem, não há lugar para o tedio.

Percebendo a influência do tio sobre o garoto o senhor Arpel resolve afastá-lo, levando-o a trabalhar em sua fábrica de tubos plásticos. Hu-

lot não resiste à monotonia da automatização do trabalho, vindo durante horas em operários passaram carregando os tubos coloridos, ouvindo o ruído enfaticamente e uniformidade das máquinas. Vendo pela janela, quando acordar, vários metros de plástico saindo pela porta...

O tipo humor de Tati revelase nos menores detalhes de MON ONCLE — no passeio dos vizinhos ao círculo de raça dos Arpel com eles, na descrição da cenografia da residência ultramoderna, com jardim geométrico e adeia sinuoidal, na pintura das figuras que povoam o colorido mundo de Hulot (o jardineiro, o varredor, os vizinhos, os crianças). Há legítima malícia contra os excessos de uma classe (os milionários, os novos-ricos) para a qual o progresso é um processo de padronização, inclusive inflando na arte, como é o caso da arquitetura. O próprio autor o confessou na entrevista a que aludimos, dizendo: "Tudo se uniformiza em nossos dias. Tanto assim que ao empurrarmos estas novas portas de entrada sabemos mais se entramos numa farmácia ou num armazém, num café ou num arrabato."

MEU TIO tem também o seu lado poético. Esta face é representada nas relações com as crianças, seja o sobrinho ou a garota do prédio onde reside. Mas há um momento mais alto e ilustrativo quando pela manhã Hulot contempla um canário em sua gaiola e faz com que o vidro de sua janela reflita um raio de sol sobre o passaro; a alegria da luz é restituída pelo trinar da ave, e nesse heito surri satisfeito.

Jacques Tati fez de MON ONCLE mais do que uma simples comédia porque fez um filme bonito com excelente colorido, uma musiquinha de acompanhamento que é uma delícia e uma cenografia excelente. É verdade que há pequenos defeitos — a repetição de efeitos cômicos e alguns interiores não estão no mesmo nível do ator Jacques Tati — mas eles não são tão graves pois a fita consegue fazer rir, de um riso espontâneo, sendo ao mesmo tempo um espetáculo para os olhos.

Com esta fita o comediógrafo francês unificou-se com o mais famoso dos comédicos do cinema, o notável Charles Chaplin, conseguindo um lugar de dignidade para as pessoas simples, elevando a comédia a um nível superior, viciado do otimismo e da sátira mais sutil.

## NOTAS SOBRE LIVROS

ASIROJILDO PEREIRA

### O PADRE CARAPUCEIRO

O nome do Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, o famoso Padre Carapuceiro, parece emergir agora do esquecimento em que andava. A não ser nas histórias literárias, em algum ou outro breve ensaio, ou em referências fugidias, raramente era ele mencionado, e o que em geral se sabia a seu respeito resumia-se a bem pouco: o Padre Lopes Gama fora um terrível panfletário do segundo quartel do século passado, redator de uma folha famosa — O Carapuceiro. Ele foi no entanto um educador e publicista de altos méritos, cuja obra está reclamando estudo aprofundado, que a coloque no devido lugar em nossa história política e literária. Isto começa a ser feito, segundo se pode deduzir de duas recentes publicações: o livro de Amaro Quintas — O Padre Lopes Gama, publicista, jornalista, político, Recife, e o de Luis Delgado — Lopes Gama, antologia da coleção "Nossos Clássicos" da editora Agir.

O Padre Lopes Gama é uma figura extremamente interessante. Nasceu no Recife, em 1791. Estudou no Mosteiro de São Bento de Olinda. Ingressou na Ordem Beneditina em 1807. Em 1817 é nomeado leitor de retórica do Seminário de Olinda, início de uma longa carreira de professor e educador em que atingiria altos postos. Foi deputado provincial de 1835 e deputado geral em 1840. Mas seu nome ganhou celebridade principalmente como jornalista político.

Lopes Gama viveu todo o agitado período político das lutas pela Independência, das insurreições de 1817 e 1824 em Pernambuco, do Primeiro Reinado, da Regência e primeiros anos do Segundo Reinado. Homem de boa formação clássica, espírito liberal, patriota vigilante, temperamento combativo — tudo o empurrou ao exercício de intensa e movimentada atividade pública, que se desenvolveria simultaneamente na cátedra, na administração, no parlamento e sobretudo no jornalismo.

De 1822 até morrer, em 1852, fundou e redigiu numerosos jornais, colaborando em alguns outros. Jornais cujas títulos denunciavam à primeira vista a feição acentuadamente política do seu teor: O Copilador Nacional, Diário da Junta do Governo, O Constitucional, O Popular, O Carapuceiro, O Despertador, O Pernambuco, O Seta de Setembro.

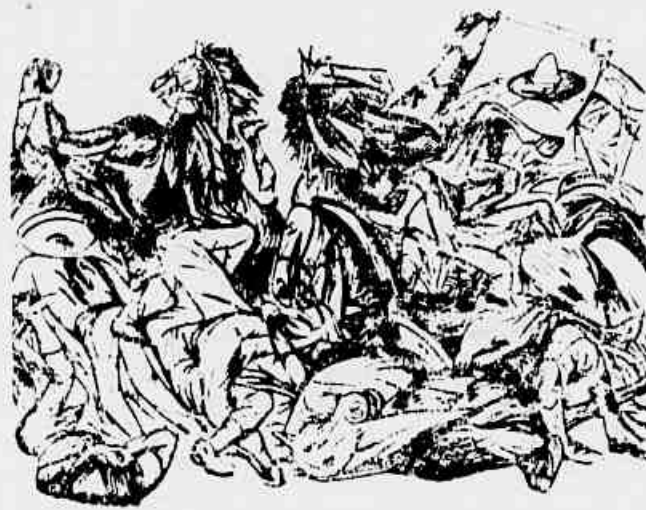
Seculariza-se em 1834, deixando a Ordem Beneditina. De sua bibliografia em livro constam os seguintes títulos: A Colunela (1832), poema satírico contra a Sociedade Colunas do Troia e do Altar; A Farpadeira (1841); Contos Criminais da Semi-República do Pernambuco na Regência (1841), sátira em prosa; Dores de Florença (1846), com reedições em 1851 e 1864; Observações Críticas Sobre o Romantismo de St. Eugênio São, o Jdior Ruivete (1850); Soleta Clássica (1864). Além de várias traduções.

No Apresentação com que prefaciona a Antologia da coleção "Nossos Clássicos", Luis Delgado resume a biografia de Lopes Gama, situando-a no tempo e pouco em relação suas qualidades de indomado combatente da causa pública, sua obra de educador, escritor e publicista. Os trechos escolhidos que formam o parte principal do volume permitem-nos um razoável conhecimento direto dos escritos de alguém que foi, no dizer de João Ribeiro, "um dos escritores mais corajosos do seu tempo".

Do livro de Amaro Quintas, trataremos na próxima vez.

# LUTA PELA TERRA

## Quatro Murais De José Clemente Oroscó



NO ALCE DA BATAILHA



A EXECUÇÃO DOS HOMENS DE MADERO



A EXECUÇÃO DO GENERAL ALVAREZ



ARRABANHO DE CAMPOSINENSE

# Solução Entreguista Para o Problema Dos Telefones:

# AUMENTO DE TARIFAS PARA DAR RECURSOS A LIGHT!

Verdadeira ofensiva publicitária com o objetivo de convencer o público de que deve fornecer o dinheiro para a Light expandir seus serviços telefônicos — Um relatório do Conselho de Desenvolvimento — Se todo o mal vem do monopólio, por que reforçá-lo? — Qualquer solução tem de partir dos interesses nacionais

Após de longa e cansativa luta, esta seção desvela uma ofensiva publicitária visando a convencer o público de que o problema dos telefones no Brasil, se a propósito, não tem de ser resolvido através da abertura de concessões (Light e Bond) e sim através de uma reforma da legislação atual.

Após de longa e cansativa luta, esta seção desvela uma ofensiva publicitária visando a convencer o público de que o problema dos telefones no Brasil, se a propósito, não tem de ser resolvido através da abertura de concessões (Light e Bond) e sim através de uma reforma da legislação atual.

Após de longa e cansativa luta, esta seção desvela uma ofensiva publicitária visando a convencer o público de que o problema dos telefones no Brasil, se a propósito, não tem de ser resolvido através da abertura de concessões (Light e Bond) e sim através de uma reforma da legislação atual.

Após de longa e cansativa luta, esta seção desvela uma ofensiva publicitária visando a convencer o público de que o problema dos telefones no Brasil, se a propósito, não tem de ser resolvido através da abertura de concessões (Light e Bond) e sim através de uma reforma da legislação atual.

superior ao que a lei permite?

Defendendo um ponto-de-vista tão simpático ao monopólio da Telefônica o mesmo engenheiro Taunay foi convidado a dar uma entrevista na televisão, onde confirmou o mesmo ponto-de-vista.

Para o governo dos leitores: o engenheiro Taunay acaba de ser promovido a um cargo mais elevado e da máxima importância da Prefeitura do Distrito Federal; é o novo diretor do Departamento de Concessões.

a várias concessionárias concorrentes. E não pode haver qualquer solução seria, que leve em conta os interesses presentes e futuros do país, desde que não se adotem medidas para acabar com o monopólio. Entretanto, dada a tendência de duas comissões oficiais que têm sido designadas para estudar o problema e no sentido de manter e reforçar o monopólio atual da Light e da Bond & Share.

Brasil (IBGE), última edição. Se a essa lista se acrescentarem outras cidades onde também opera a CTB e suas filiais, um número ainda mais elevado expressará o monopólio de fato dos serviços telefônicos pelo truste banqueiro-canadense.

MAS É PRECISO UMA SOLUÇÃO

Se os nacionalistas não podem concordar com qualquer solução que implique em manter ou reforçar o monopólio dos trustes a Bond and Share opera principalmente nos Estados do norte e no Rio Grande do Sul, e por isso estão menos interessados em encontrar uma solução para o problema. Assim, por que não se estuda a formação de uma nova sociedade de economia mista, em que o Estado fosse o principal acionista e as demais ações subscrições pelas pessoas interessadas em assinar telefones? Em muitas cidades esta solução, as vezes sem participação do Estado, mas resultando na formação de empresas menores, tem tido êxito. Por que, então, não buscar uma solução nova, que não implique em dar mais cruzetões a empresas que o desejam para transformá-las em dólares de exportação?

PARIS TEM MAIS TELEFONES QUE O BRASIL

Se, para cada 100 habitantes, a Argentina possui 5,71 telefones, para o mesmo número de habitantes o Brasil possui apenas um aparelho e um terço... Ainda graças aos monopólios que tem desfrutado do mercado brasileiro, o número total de telefones no Brasil (811.110, em 31 de dezembro de 1955) é inferior ao número de aparelhos instalados em Paris (990 mil).

E mais: destes oitocentos e poucos mil telefones, existentes no Brasil, nada menos de 571.933 se concentram em mãos da Cia. Telefônica Brasileira (Light) e somente no Distrito Federal, São Paulo (capital), Belo Horizonte, Santos e Niterói, de acordo com dados publicados no Anuário Estatístico do

MONOPOLIO DE FATO

O resumo do relatório do Conselho de Desenvolvimento divulgado pelos jornais oculta, deliberadamente, o fato de que dois poderosos trustes estrangeiros monopolizam quase absolutamente os serviços telefônicos no Brasil. Assim, diz-se ali que há no país 108 empresas concessionárias de serviços telefônicos, sendo no mesmo caso a Light e pequenas empresas municipais recentemente organizadas. Ora, se a situação dos serviços telefônicos é assim, não há como explicar o ponto atual, a principal consiste precisamente em que a Light e a Bond & Share foram monopolizadoras no país, ao invés de terem sido dadas, por exemplo,

OS RIOS CORREM PARA O MAR

Não se pense, porém, que a criação do Conselho de Desenvolvimento é o único que tem a ver com o sr. Antônio Galotti — conhecido estudante da Light no Brasil — pretendendo a todo o custo que o público deve financiar a Companhia Telefônica Brasileira. A principal lei apresentada pelo grupo de estado-cidadão na Prefeitura do Distrito Federal ao tempo do prefeito Nézar de Luna. Além disso, recomendações daquele grupo o atual chanceler enviou a Câmara do Distrito Federal uma mensagem acompanhando o projeto de lei no mesmo sentido.

Quando o atual prefeito, sr. Sá Freire Alvim, num gesto independente, determinou a 15 de fevereiro último, a abertura de concorrência para a exploração do serviço telefônico no Distrito Federal, contra ele se levantou uma onda molete. A citada revista americana "Visão" edição de 29 de fevereiro publicou um tópico intencionalmente aterrorizante. Diz a revista que o prefeito, com o seu ato resolveu desafiar a Cia. Telefônica e por isso, esboçava-se contra o prefeito antes do começo da Semana Santa.

DENTRO DA PROPRIETADE

Mas, que isto seja dito por uma publicação americana empreitada. Ora, diz a revista das declarações de um funcionário da própria Prefeitura do projeto estabelecido encerrando a fiscalização dos atos da Cia. Telefônica, quando no dia seguinte ao ato em questão, foi declarada pela imprensa "desarrazoada". Efectivamente, afirmou o engenheiro Roberto de Faria Taunay ao "O Globo", edição de 17 de fevereiro de 1959, da 2ª página: "Não

## Vargas Denunciou o Escândalo Da Remessa De Lucros

# Trama Criminosa Contra a Independência Da Pátria

A Mensagem de Ano Novo de 1959 — Linguagem das cifras — Pagar o que não devemos — Pressão de Washington e re cvo — Suicídio e cartatamento — A luta continua

A luta contra a descapitalização do País através da emissão de títulos de dívida pública, em 1958, com o propósito de pagar o que não devemos, não é apenas uma luta política, mas também uma luta econômica. Temos de nos voltar, e toda uma organização — um verdadeiro Estado — montada entre as mãos do governo brasileiro, que assegurou o funcionamento desse mecanismo imperialista de canalização para o exterior dos recursos do trabalho nacional. Uma organização que só se desmontou quando todas as forças vãs do País estiveram mobilizadas contra ela. E há um oportuno lembrete, mesmo o exemplo de Getúlio Vargas, que tem dominado este governo dentro da sua governança.

IDENTIFICAÇÃO

Logo na primeira sua governança, Presidente eleito em 1954, Vargas procurou atacar a trama imperialista, e foi logo impedido a cumprir o seu dever, pois os seus próprios ministros, ao mesmo tempo em que o fazia, seu Ministro do Exterior, João Neves de Fontoura, preparava no Rio de Janeiro, com o Embaixador Hershey Johnson, o plano "Brasil — Estados Unidos", que, entre outras coisas, assegurava a existência dos recursos nacionais, incluindo-se o capital estrangeiro, não poderia ser utilizado, e o mesmo não poderia ser utilizado, que os recursos estrangeiros, internacionais, e exportações, e os recursos do trabalho nacional, se desviassem para o exterior, não poderiam ser utilizados.

Em sua mensagem de Ano Novo, de 1952, Vargas tentou mobilizar a opinião pública ao seu lado, denunciando, pela primeira vez, a trama imperialista que se desdobrava no Brasil, toda a máquina imperialista.

de administração pública — disse ele — logrou o governo desdobrar nos pontos, e não sem dificuldades, uma trama criminosa, que há cinco anos se vem tornando cada vez mais profunda e a independência da Pátria. Vargas referiu-se a Lei n. 2.025, aprovada durante o governo de Dutra, em 1946, que fixava em 8% sobre o capital a taxa máxima permitida para a remessa anual de lucros de investimentos estrangeiros. Por meio de artifícios introduzidos na SPMOC e na Carteira de Câmbio do Banco do Brasil, onde funcionavam para a máquina imperialista os sr. Vieira Machado e Castro Magalhães, a lei de Dutra foi transformada em uma lei para a evasão de recursos nacionais. Em portofólio de investimentos em títulos, a SPMOC e a Carteira de Câmbio decretaram, ainda, em 1946, que a parte dos lucros de empresas estrangeiras que excedesse a taxa de 8% sobre o capital seria incorporada ao investimento inicial, sendo considerada como capital, e valendo para os cálculos posteriores dos 8%.

Dessa forma, segundo as cifras apontadas por Getúlio Vargas, em 1948 havia Cr\$ 12.980 milhões registrados como capital estrangeiro no País, dos quais Cr\$ 6.230 milhões correspondiam a lucros incorporados; em 1950, estas cifras, já atingindo, respectivamente, Cr\$ 25.130 milhões e Cr\$ 15.718 milhões. Ainda segundo o discurso de Vargas, as remessas legais de lucros para o exterior foram, em 1948, de Cr\$ 791 milhões; em 49, de Cr\$ 882 milhões; e em 50, de Cr\$ 1.028 milhões.

Vargas precisou que, calculando os 8% sobre o capital realmente investido no estrangeiro, a soma (Cr\$ 2,7 bilhões) daqueles lucros recolhidos deveria reduzir-se a Cr\$ 1.750 milhões, havendo portanto um excedente de Cr\$ 850 milhões. Considerando este excedente como amortização (rebatimento de ca-

pital estrangeiro efetivamente investido no País, em 1950 (Cr\$ 9.417 milhões), Vargas apontou a cifra real do total dos investimentos estrangeiros, naquele data: Cr\$ 8.460 milhões. Desde então, oficialmente, os investimentos estrangeiros no País em 1950 representavam Cr\$ 25.130 milhões, verificava-se assim um excesso de Cr\$ 16.670 milhões em sua contabilidade.

PAGAR O QUE NÃO DEVEMOS

É o espírito brasileiro, e exortando Vargas. Mas é para o simplesmente a linguagem das cifras. O excedente de mais de 16,5 bilhões de cruzetões significa nada mais nada menos que uma dívida contraída pelo Brasil no estrangeiro, e que terá que ser paga, ou, melhor, restituída dentro de certo prazo. E vamos restituir o que, pagar o que? Pagar o que não devemos, restituí-lo que não recebemos, o que é nosso, e que foi majorado por simples magia de cifras, concluiu Vargas, após observar que este dinheiro criminosamente arrecadado no povo brasileiro representava mais de 850 milhões de dólares, ou seja, mais do que a cifra apontada pela Comissão Mista Brasil — Estados Unidos (US\$ 500 milhões) como o total de investimentos necessários para o desenvolvimento econômico do País.

Na ofensiva, Vargas, chegou a promulgar uma lei impedindo a continuidade dos cifras que denunciara. Foi o Decreto n. 30.363, de 3 de janeiro de 52, que precisava a definição de capital estrangeiro na lei de Dutra que fixou a taxa máxima de 8% para a remessa para o exterior. Capital com direito a retorno é somente aquele que, oriundo do estrangeiro, esteja investido no País, precisou a lei de Vargas.

PRESSIONE DE WASHINGTON

Mas, a contra-ofensiva imperialista não se fez esperar. O "Journal of Commer-

ce", de Nova Iorque (da 9-1-52), informou que o governo de Washington protestou oficialmente, junto ao governo brasileiro, por aquela tentativa de controlar o capital imperialista. Poucos dias depois, o sr. George Sloan, representante na Câmara de Comércio Internacional, dirigida da tribuna desse órgão ameaça públicas e indistintamente ao Brasil. O próprio Mr. Edward Miller, então Secretário-Adjunto do Departamento de Estado para os assuntos interamericanos, falando numa conferência para a Câmara de Comércio de São Francisco, retomou o tom de ameaça: os empréstimos bancários no Brasil seriam suspensos, se a lei fosse mantida. Fazendo coro com Washington, toda a gama de entreguistas indígenas se lançava na imprensa contra o governo, que colhia os direitos sagrados da iniciativa privada. Até que, finalmente, Vargas recuou, aprovando a Lei n. 1.807, que se referia a reforma cambial, fazendo voltar ao regime de plena liberdade as operações do capital imperialista em nosso País.

LUTA CONTINUA

Mas a luta não cessou. Ora escondida nas pressões de bastidores, estrevando para os debates públicos, durante todo o ano de 53, e até o suicídio de Vargas a luta pela defesa do País contra o imperialismo continuou sendo alimentada pelos setores nacionalistas. E o próprio suicídio de Vargas, antes de ser um ponto final nessa luta, foi um de seus momentos mais dramáticos. E é ele quem o diz, em sua Carta-Testamento. Depois de escrever que assumira o governo quando os lucros das empresas estrangeiras alcançaram até 500% ao ano, e quando suas declarações de valores do que importamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano, Vargas narrou as tramas das forças imperialistas e entreguistas naqueles dias, afirmando: mas uma vez coordenaram-se e novamente se desencadearam contra mim. E, sem palavras constituídas, sem dúvida, uma denúncia e um estímulo à luta patriótica contra a exploração imperialista.



Desta vez, o pretexto invocado pela Cia. Telefônica para pleitear (por diversas manobras), o aumento das tarifas não é o aumento de salários para os trabalhadores. É atender aos pedidos de novos telefones. O monopólio, promovido pela atual administração, busca meios e modos para se tornar mais forte.

**Problemas Da Paz e Do Socialismo**

Revista teórica e de informações internacionais

Rio de Janeiro 1959

**NAS BANCAS E LIVRARIAS BREVEMENTE**

# PARA ALIMENTAR A FAMÍLIA VENDEM O 'DIREITO DE ALMÔÇO'

RECIFE. (Da correspondente) — "Para ganharmos o salário mínimo, temos de trabalhar dia e noite, até rebentarmos os pulmões". Com estas dramáticas palavras, um portuário de Recife revelou todo o imenso quadro da exploração a que estão submetidos os trabalhadores dos portos nordestinos, e justificou, diante das autoridades e da população, o desencadeamento, à zero hora de 26 de março, da greve que paralisou os portos do Nordeste durante 7 dias, envolvendo mais de 20 mil trabalhadores das docas de Recife, Maceió, Natal e Paraíba.

rifas seria autorizado. Dêsse modo, foi criado o impasse, continuando os portuários a receber os miseráveis salários de Cr\$ 2.700,00, quando o próprio salário mínimo regional, considerado insuficiente pelos trabalhadores, é de Cr\$ 1.500,00.

Na manhã do dia 2 de abril, 7 dias após o desencadeamento da greve que se estendeu a Maceió, Natal e Paraíba, os portuários nordestinos regressaram aos seus locais de trabalho, com a promessa de que suas reivindicações seriam atendidas, através de subvenções dos gover-

## Os portuários do Nordeste fizeram uma rebelião contra a fome — 20 mil homens em greve durante 7 dias — Defenderam a população mantendo os serviços essenciais

nos federal e estaduais, destinadas a cobrirem as diferenças salariais a serem pagas desde 1.º de janeiro.

### NOVA GREVE

Apenas a questão relacionada com as reivindicações dos trabalhadores de Natal ainda não tinha sido resolvida. Os portuários, entretanto, comandados pelo comitê

de Greve concederam um voto de confiança ao Governo, para que o mesmo resolvesse o assunto até o dia 15 próximo. Caso contrário, nova greve geral será deflagrada.

### REBELIÃO CONTRA A FOME

Quando os trabalhadores do Porto de Recife resolveram apelar

para o recurso máximo, a situação no país já se mostrava inteiramente insuportável. Os operários das Docas, com vencimentos miseráveis, dormiam nos próprios locais de trabalho, por não disporem sequer de uns poucos centavos, para o transporte aos seus lares. Alguns, num sacrifício extremo, visando a reforçar seus salários, chegavam a negociar com o direito que tinham de almoçar no SAPS, passando-o a outros, em troca de uns poucos níqueis destinados a saciar a fome de seus familiares. Enquanto isso, viviam vida de mendigos, embora trabalhando como mouros, numa atividade essencial ao país.

Essa situação, que se generalizava em todos os demais portos do Nordeste, levou a que as entidades representativas dos trabalhadores constituíssem um pacto de unidade, firmado entre a União dos Portuários (antárquicos) e o Sindicato dos Portuários (autônomos) destinado a comandar o movimento reivindicatório, em sua fase mais aguda. No termo de compromisso assinado por ambas as partes, ficou estabelecido que o acordo seria cumprido fielmente, até que todas as reivindicações tivessem sido atendidas, não se admitindo solução parcial para as questões pleiteadas. O mesmo documento estabeleceu um comando geral da greve com a participação igualitária das categorias representadas.

### COMITES DE GREVE

Com a greve já decretada, em virtude da fra-

caso dos entendimentos até então havidos entre autoridades e trabalhadores, foram organizados vinte e cinco comitês grevistas, destinados a atuar nos armazéns, oficinas e seções de trabalho. Numerosas comissões, também foram criadas, entre as quais, a jurídica, de segurança, de assistência social, de propaganda, de comunicações e de relações públicas. Todas funcionaram plenamente durante a greve.

### OS QUE DEVIAM TRABALHAR

A greve, iniciada pelos trabalhadores de Recife, revelou aspectos curiosos e, sobretudo, a preocupação do comando com a sorte da população nordestina. Nesse sentido, alguns operários foram dispensados do movimento grevista. Os funcionários do frigorífico,

por exemplo, fizeram a greve simbólica, permanecendo em seus postos de trabalho, de modo a evitar a deterioração das mercadorias depositadas nos frigoríficos do Porto. Pelo mesmo motivo, continuaram em seus postos os responsáveis pela estação conversora de energia elétrica.

O curioso, entretanto, foi a atuação da Guarda Portuária. Esta, que não tinha frigoríficos nem estação de energia elétrica sob sua responsabilidade, também trabalhou bem.

Seus funcionários, os guardas-portuários, compareciam religiosamente aos seus postos de serviço, mas sob o comando do Comitê grevista, para impedir a entrada nos portos de quaisquer fura-greves. E desse modo atuaram até o fim do movimento.

### VITORIOSOS

O movimento teve início no Porto de Recife, onde os trabalhadores autárquicos reclamavam o pagamento da melhoria salarial concedida pelo governo estadual ao funcionalismo, a partir de 1.º de janeiro. As autoridades portuárias, entretanto, alegavam que a reivindicação pleiteada só poderia ser concedida mediante um reajustamento tarifário. O governo federal, através do Ministério da Viação, afirmava que nenhum aumento de tu-

## Plantou Couve-Flor e Colheu Flor De Nabo

### O camponês perdeu tempo, trabalho e dinheiro porque as sementes não prestavam

Nosso leitor Vidas S., de São Paulo, enviou-nos a seguinte correspondência:

"Um camponês de Suzano, com família numerosa (12 pessoas), todos filhos ainda menores, se dedica, num terreno alagado, à horticultura, plantando tomate,

cenoura, couve-flor, etc. Num plantação perde, noutra ganha, e assim vai levando a vida.

Como em 1957 havia ganhado alguma coisa com a cultura da couve-flor, resolveu, entusiasmado, repeti-la em 1958.

Por azar, não encontrou semente na cooperativa da qual é sócio e por isso resolveu vir a São Paulo e comprar na firma «Dierberger Agro-Comercial» meio quilo de sementes, pagando quinhentos cruzeiros. Preparou o alqueire de terra, bem preparado, com adubação feita, gastando entre tudo perto de trinta mil cruzeiros.

**NASCEU OUTRA COISA.** A plantação foi crescendo viçosa. O camponês sorria feliz. Fazia mentalmente as contas: a renda bruta seria de perto de sessenta mil cruzeiros e, descontadas as despesas, teria um lucro líquido de uns trinta mil cruzeiros! Mas, quando a roça começou a florescer, veio a decepção. As flores eram um misto de nabo ou mostarda, não servindo nem para ornamentação, quanto mais para alimento.

O camponês embateu-se. Voltou a São Paulo para reclamar na firma. Foram muito amáveis e prometeram estudar o caso.

### INDENIZAÇÃO

Certo dia, aparece de repente, em Suzano, um representante da Dierberger Agro-Comercial. Ia canalizar a lavouva. Apalhou a terra, cheirou-a, examinou as raízes com grande atenção e ares de cientista. Concluiu, finalmente, com um sorriso meio amarelo. Podia ser adubação

inadequada no plantio fora de época, etc., etc. Mas prontificou-se a indenizar o camponês, pagando-lhe o custo das sementes, quinhentos cruzeiros. Ao menos, segundo expressões da própria camponês, dava para tomar umas cachuças.

### OUTROS CASOS

Este não é um caso isolado. Acontece com a semente da batata, do repolho e outras. E se não acontece o mesmo, por exemplo, com o algodão, e porque, felizmente, a produção de sementes desta planta é monopólio do Estado (terras das firmas imperialistas já começaram, por sinal, a fazer campanha contra esse monopólio, alegando o direito de produzir sementes). Também não acontece o mesmo com o milho e o amendoim porque o Estado produz boa parte de sementes selecionadas em campos de cooperação com os camponeses.

O que acontece com a lavouva de Suzano deve, pois, servir de exemplo e alertar todos os interessados em adquirir sementes.

**Coluna do estudante**

Uma assembleia realizada na quinta-feira, os estudantes da Faculdade de Direito da U.F.R.J. decidiram suspender a greve, enquanto aguardam a decisão do Conselho Universitário sobre o recurso do C.A.L.C. contra as legais transferências patrocinadas pelo ex-chefe de Polícia Izra.

**GREVE NO CACO.** Também na segunda-feira os alunos da Faculdade Nacional de Direito decidiram entrar em greve contra a frequência obrigatória. A Assembleia Geral foi realizada sob o lema de grande agitação, sem que se encontrasse a fórmula capaz de harmonizar as diversas correntes do pensamento estudantil.

**ANUIDADES ESCOLARES.** Os coletores continuam a escrever pressão sobre os pais dos estudantes para que concordem com o pagamento da majoração das taxas escolares acima do limite fixado pelo acordo do M.E.C. com as entidades estudantis. A A.M.E.S. está elaborando um plano de ação em conjunto com as organizações de pais de família, a fim de coibir, de uma vez por todas, a burla contra a decisão do governo.

**BARBUDOS NA UNE.** A delegação dos barbudos cubanos visitou a UNE, sexta-feira última, tendo então oportunidade de esperar os discursos da revolução de Fidel Castro. Os visitantes tiveram uma recepção apoteósica, estando presentes representantes de todas as entidades metropolitanas e nacionais.

**FESTIVAL DA JUVENTUDE.** Em comitê realizado no pavilhão de ex-deputado Raul Ferraz e que contou com presença do presidente da UNE, GISEL AMES, abriu a Comissão Brasileira de VII Festival da Juventude dos Estudantes, sob a presidência do debatedor General Almino Azevedo.

## RESPOSTA AO LEITOR

A. S. FRONTINI (São Caetano do Sul — S. P.) — Encarregamos ao redator responsável pela seção "Teoria e Prática" um comentário sobre linha política e luta de classes. Anexamos a sugestão a respeito de um comentário, artigo ou reportagem sobre participação absoluta e relativa de classe operária.

SEBASTIAO FORTUNATO (Caracara — S. P.) — Já recebemos outras opiniões críticas a respeito do término da greve. Temos consciência de que a imprensa e especialmente os órgãos de imprensa que se dedicam ao jornalismo, têm uma responsabilidade necessária em texto mais extenso.

ANTÔNIO PEDROSO PINHO FILHO (Araçatuba — S. P.) — Sua pergunta "a que se refere a greve estabelecida pelo governo democrático e trabalhista no Brasil" é de natureza política. Poderia ser feita no "Prático" de "Novos Rumos" e não aqui.

F. QUEIROZ (S. Paulo) — Agradecemos suas palavras de estímulo. Na plantação de milho, examinaremos suas condições.

JOSE A. FILHO (S. Paulo) — Não será fácil a realização de um curso sobre filosofia marxista pelo jornal. Estudaremos, entretanto, os meios de atingir os justos fins da sua proposta. Graças pela sua opinião sobre as matérias que temos publicado.

A. ARAUJO LIMA (DF) — Agradecemos as referências que fez a NOVOS RUMOS. Esperamos que continue lendo vigilante, sempre pronto a nos lembrar erros ou falhas e a fazer sugestões.

MELHADO TOMASCHEWSEY (Indaiatuba — S. P.) — Recebemos com satisfação sua segunda carta. Em breve iremos estar, levando em conta a experiência da nossa primeira e a opinião dos leitores, que modificações devam ser introduzidas no jornal. Agradecemos, então, sua contribuição de uma parte, e esperamos que continue a nos ajudar.

SAULO GOMES (Araçatuba — S. P.) — Sua apreciação sobre NOVOS RUMOS é muito interessante, para nos grande incentivo. Agradecemos sua colaboração sobre problemas locais de interesse de repercussão nacional.

**Linha do Parque**

O novo romance de DALCIDIO JURANDIR

Lutas, dramas, lendas de Rio Grande, o velho porto do Extremo Sul.

À venda em todas as Livrarias.

LANÇAMENTO DA EDITORIAL VITÓRIA LTDA

Rua Juan Pablo Duarte, 50 — Sobrado. Telefone: 22-1613

RIO DE JANEIRO — D. F. Atendemos pelo Recômbio Postal.

## DEZESSETE FAMÍLIAS

MARIA GABRIELA

Dezessete famílias podem ser muito diferentes em sua composição política, social e econômica. São, porém, muito parecidas em sua composição humana. Dezessete famílias, de qualquer espécie, se compõem de gente. Gente é pessoa, ser humano: jovens, velhos, homens, mulheres, crianças. Alguns entes, outros sádios; este, moreno, aquele, branco ou mulato; belas algumas, diversas feições ou simplesmente simpáticas, alguns venturosos, infelizes outros. Todos, porém, vivem. Viver é morar, alimentar-se, dormir, vestir-se, ir à escola, gostar de cinema e futebol, amar a convivência com outros seres, ler ou ouvir música, sonhar muito, brigar algumas vezes, amar constantemente. Isto é viver.

Pois dezessete famílias, senhores, foram postas na rua! Ao rebento. Claro está que não moravam em palacetes. E sim, modestamente, em casinhas de uma vila, como essas, que existem tantas nos subúrbios. Era na Rua S. Francisco Xavier e elas estavam habitadas de 6 a 10 anos, um comércio, desempregado, com esposa e 3 filhos, sendo o menor de 23 dias apenas. Havia também um casal com um filho maior, tuberculoso! Des-

soas outras, de avançada idade. E crianças, muitas, crianças. Na fotografia (sim, o despejo foi fotografado), poderéis vê-las, ingênuas em seus uniformes escolares, prontas para cumprir seu dever de pequenos cidadãos; comparecer à escola. Na volta, para onde iriam? Elas, o velho sogro, o jovem tuberculoso, aquela senhora que em outra foto, desfila com o oficial de Justiça carregando no colo um cachorrinho.

Cachorro em casa de pobre é amigo, parente, proteção e brincadeira de menino. A notícia não diz para onde iriam. Sabese apenas que a Prefeitura as despejou. O aviso lhes fora dado na véspera à noite. O advogado dessas famílias solicitou, sem resultado, um adiamento de oito dias, prazo em que seria julgado o mandado de segurança impetrado em favor dos moradores. Por que foram despejadas? Para que se proibiu a Rua Teodoro da Silva, diz a Prefeitura. Para serem alugadas as casas, novamente, a título precário, em quantos não se iniciam as obras a certos afilados políticos, dizem alguns moradores. Informação verdadeira? Não sabemos. Sabemos apenas que dezessete famílias se compõem de gente.

## CARTA DO SERTÃO

ZE PRAXEDI — o poeta vaqueiro

Presidente JK: Essa carta é dum vaqueiro Qui se erio e nacen No Nordeste Brasileiro.

Chega no mês de dezembro. A gente começa a oia: Pra Pihoi relampeia... No passá da lua cheia No tem inverno pur lá.

Porém, se farta relampo. A barra nace fraquinha. Tá tudo morto, douto. Num tem capim pra vaquilhada Farta quaiada pra gente E leite pras criançaia.

O patrão fecha a buleza Sem té mais o qui vende. Prementendo à quem precisa De abri quando chuve. Vendemo a casa, o rogado, Dispôs de tudo acabado Vai se pidi pra euné.

Porém, douto, se chuve Bexando a terra mojada. Dos sete ano aos setenta Garra tudo nas invada.

Trabaiado do Nordeste, Meu patrão, merece fé! Trabaiado passando fome Sem s'isquecê da nué!

Doze, quatoze, fimbo, Im cada casa se tem. Se decê água no rio, Pra se fazê o prantio, Corre tudo muito bem.

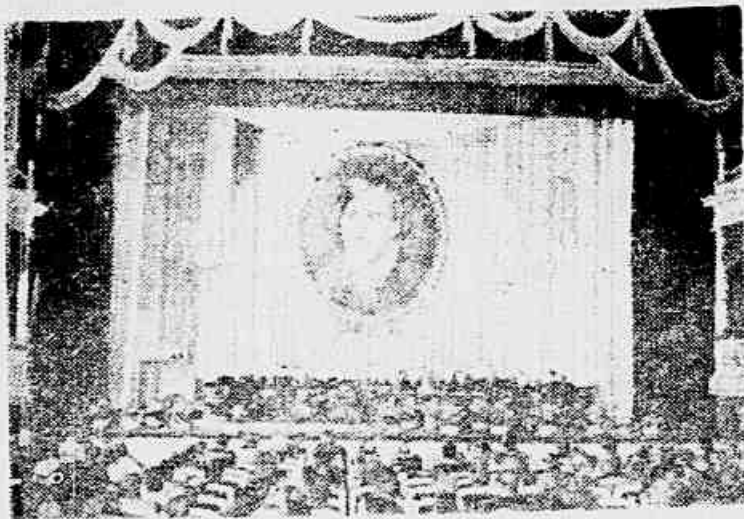
Essa meizinha, douto, Batizada pur OPENO. Qui vasmicê deu aos grande Para curá os pipicemo. Se des amusturarem Nos vamo tumá veneno!

Cuidado, douto, cuidado! Vamo ve se muce cura. O sertanejo do Norte Que té a vida segura. A água qui nos queremos É aquela qui num vem: Doze meto de fundura.

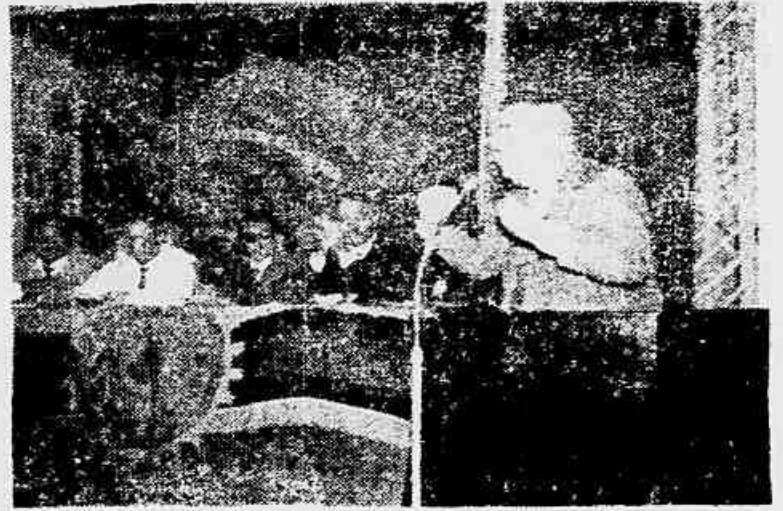
Biscurpe, douto, ac erro, Nessa carta qui li fiz. A gente num tem escola Na "Passage da Raiz".



**INSTRUMENTOS DE TORTURA** — Não são os da Idade Média ou dos tempos da escravidão negra no Brasil. São da recém-derrubada ditadura de Batista em Cuba. O laço da força, grilhetas, luvas para choques elétricos, chicotes para flagelar, etc., foram encontrados no arsenal da democracia pro-americana do tirano deposto. São hoje o símbolo de um regime odiado pelo povo cubano, que repele indignado as tentativas do governo de Washington para desmoralizar o regime de Fidel Castro. Leia entrevista do Tenente Benitez, um dos «barbudos», que publicamos na 4.ª página.



**TOCHENAOEM A GOGOL** — Acaba de ser comemorado na União Soviética o 150.º aniversário do nascimento (1.º de abril) do grande escritor russo Nicolai Gogol. A obra de Gogol está hoje integrada na literatura universal através de seus maravilhosos contos, entre os quais verdadeiras obras-primas como «O Capote», de comédias como «O Revisor», em que ridicularizava a burocracia czarista, ou de romances como «Almas Mortas» e «Os Cossacos», de sabor puramente russo que ainda hoje são lidos com prazer. Esta foto (TASS) vemos um aspecto da solenidade em homenagem à memória de Gogol no Malv Teatr de Moscou.



**A CRUSA DA CARSTELA** — Está principalmente na atual política econômica e financeira adotada pelo Governo — afirmou o líder metalúrgico Benedito Cerqueira (foto), quando falava na reunião promovida pelos dirigentes sindicais paulistas para coordenar pontos-de-vista em relação ao desencadeamento de uma campanha nacional pela contenção do custo de vida. Leia reportagem na 1.ª página.



**A LUTA CONTINUARA** — Exclamou entusiasmada a operária Miriam Meireles (foto) uma das líderes do movimento que paralisou durante 20 dias a tecelagem Nova América. Os patrões, a princípio intransigentes, acabaram concedendo o reajustamento de 15% a partir de 1 de junho, pleiteado pelos trabalhadores, sob compromisso de que nenhum grevista será punido. Vitoriosos, os tecelões voltaram ao trabalho na manhã de 4 de abril, após terem dado um magnífico exemplo de firmeza e combatividade na defesa de suas reivindicações.

3 MAY 27  
COPY MAR 27 1960

PARL/A

Fórmula "Óvo De Colombo" Para Combater o Latifúndio?

APR 22 1960  
LR FILE COPY  
PLEASE RETURN

# ESTADO DO RIO: PLANO DE REFORMA AGRÁRIA

ANO I — RIO SEMANA DE 10 A 16 DE ABRIL DE 1960 — Nº 7

O SECRETÁRIO JONAS BAIENSE EXPÕE PARA "NOVOS RUMOS" O PLANO PILOTO DE AÇÃO AGRÁRIA DO GOVERNO ROBERTO SILVEIRA (NA 1.ª PÁGINA)



REDAÇÃO: AVENIDA RIO BRANCO, Nº 251 — SALAS 711-712

**5**  
CRUZEIROS



**Rebelião de senhores de escravos no Tibet**

Reportagem na 2.ª página

\*

**Cuba durante e depois da revolução**

Entrevista do Tenente Benitez na 4.ª página

\*

**Em que ficará a aliança PSD-PTB?**

Texto na 3.ª página



## A MORTE CHEGA MAIS DEPRESSA —

54 dos 68 anos de vida do velho estanhador João Batista da Gama foram consumidos no duro trabalho, entre a Hime e a Light. Tem o direito agora, garantido por lei, a aposentadoria ordinária. Mas o IAPI há cinco meses lhe cria dificuldades. Sua história — um capítulo de desumanidade da previdência social — está relatada na quinta página.